

Fernando Pinheiro

MÚSICA

PARA CANTO E PIANO

clássicos brasileiros



Casa do Ceará - 25/10/1994 - Rio de Janeiro - RJ
Homenagem a Villa-Lobos
Ahygara Iacyra Villa-Lobos e Fernando Pinheiro



Rio de Janeiro - RJ - 2011

Copyright

CPI - Brasil - Catalogação-na-fonte

Capa:

Casa do Ceará – 25/10/1994 – Rio de Janeiro – RJ

Homenagem a Villa-Lobos

Ahygara Iacira Villa-Lobos e Fernando Pinheiro – Foto: Ivanoé

Final da partitura da música Sob o céu tão azul – N° 1 de Interior de Onestaldo de Pennafort – Música de Helza Camêu

O original da partitura pertence ao acervo do patrono Onestaldo de Pennafort (Cadeira n° 56 da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil).

Pinheiro, Fernando

MÚSICA PARA CANTO E PIANO

Rio de Janeiro – RJ - 2011

ISBN

- | | |
|---------------------------------|---------------------|
| 1. Ensaaios literários | 2. Música de câmara |
| 3. Comentários (música e letra) | 4. Prosa poética |
| 5. Literatura brasileira | 6. Título |
| 7. 181 pp. | |

FERNANDO HENRIQUES PINHEIRO, contista, biógrafo, memorialista, cronista, ensaísta (áreas de História, Música Clássica, Filosofia, Comportamento Humano, Espiritualidade), fez seus estudos no Seminário Arquidiocesano de São Luís do Maranhão (hoje, Centro Teológico do Maranhão).

Honrarias e condecorações:

- Prêmio Nacional de Livros Publicados
 - Concedido pela Academia Internacional de Ciências, Letras, Artes e Filosofia do Rio de Janeiro
- Diploma Moção de Congratulações
 - Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (sessão solene de 20 de maio de 1998)
 - Câmara Municipal do Rio de Janeiro (sessões solenes de 16 de setembro de 1998 e 13 de agosto de 2001)

Bibliografia do autor

Livros publicados e inéditos

- A SARÇA ARDENTE (crônicas) – 180 pp. (1988)
JESUS, LUZ DO MUNDO (contos) – 276 pp. (2011)
HISTÓRIA DO BANCO DO BRASIL – 1906 a 2011 – 1210 pp. (2011)
BANCO DO BRASIL
– LISBOA SERRA, poeta, tribuno e presidente – 234 pp. (2011)
BANCO DO BRASIL – CONSULTORIA JURÍDICA – ensaios
históricos – autores diversos (coautoria) – 199 pp. (2011)
MÚSICA PARA CANTO E PIANO (ensaios) – 200 pp. (2011)

Palestras (em seminários)

- A presença dos funcionários do Banco do Brasil na música clássica (*in* 4º Seminário Banco do Brasil e a Integração Social – pp. 177 a 200) (2000)
- Angola (*in* 1º Seminário Banco do Brasil e a Integração Social – pp. 91 a 97) (1995)
- Caio de Mello Franco, diplomata e poeta (*in* 5º Seminário Banco do Brasil e a Integração Social – pp. 15 a 31) (2004)
- Karlos Rischbieter, presidente do BB (09/02/1977 a 16/03/1979) - *in* 6º Seminário Banco do Brasil e a Integração Social - CCBB – Rio de Janeiro pp. 9 a 20 (2005)
- Nota: o CCBB – Rio de Janeiro fica no casarão da Rua Primeiro de Março, 66
- Odilon Braga: flama e voz (*in* 5º Seminário Banco do Brasil e a Integração Social – pp. 126 a 164) (2004)
- Por onde andou Villa-Lobos? (*in* 3º Seminário Banco do Brasil e a Integração Social – pp. 187 a 202) (1999)

Prefácio

- Um olhar sobre o ontem e o hoje, de Zorrillo de Almeida Sobrinho – Produtora M de Publicações e Propaganda – 344 pp. – Campo Grande - MS (2000)

SUMÁRIO

Prefácio: Maria do Céu Senas

Música	Compositor	P.
01 – O cisne do lago	Abdon Milanez	10
02 – Meu velho Rio	Afonso Martinez Grau	13
03 – A jangada	Alberto Nepomuceno	16
04 – Candura	Alberto Nepomuceno	19
05 – Canção do inverno	Alceu Bocchino	22
06 – Cântico de amor	Almeida Prado	25
07 – Órbita	Armando Albuquerque	27
08 – Toada baré	Arnaldo Rebello	29
09 – Elegia – crepúsculo de ouro	Artur Iberê de Lemos	32
10 – Magdala	Assis Republicano	35
11 – Oração da noite	Brasílio Itiberê	39
12 – Canções do vento	Bruno Kiefer	41
13 – Alamôa	Capiba	43
14 – Pérola	Carlos de Campos	46

15 – Conselhos	Carlos Gomes	49
16 – Angelitude	Chiquinha Gonzaga	51
17 – Lua branca	Chiquinha Gonzaga	54
18 – Canção da fuga impossível	Cláudio Santoro	57
19 – Canções do amor	Cláudio Santoro	60
20 – Irremediável canção	Cláudio Santoro	63
21 – Linha reta	D. João Evangelista Enout	66
22 – Tu e o vento	Edino Krieger	69
23 – Hino à Brasília	Eleazar de Carvalho	72
24 – Cantilena	Ernani Aguiar	74
25 – Odeon	Ernesto Nazareth	77
26 – Farândola das horas	Francisco Mignone	79
27 – Musa que passa	Francisco Mignone	82
28 – Samba-Lelê	Francisco Mignone	85
29 – Sete Líricas	Francisco Mignone	88
30 – Cânticos serranos	Guerra Peixe	91
31 – E quando o amor chegar	Guerra Peixe	94
32 – Interior	Helza Camêu	96
33 – Sob o céu tão azul	Helza Camêu	99
34 – Abril, surpresas mil?	Henrique de Curitiba	102
35 – Em tempo de terra e de boi	Henrique de Curitiba	105
36 – Sonhemos	Henriqueta Rosa Braga	107
37 – Trovas n°s 1, 2 e 3	Pe. Jaime Diniz	109
38 – A estrada do sertão	João Pernambuco	111
39 – Folhas soltas	José Siqueira	113
40 – A vida	Luciano Gallet	116
41 – Madrugada no campo	Luiz Cosme	118
42 – Romance, opus 6	Najla Jabôr	121

7 - MÚSICA PARA CANTO E PIANO

43 – Murmúrio	Oswaldo Lacerda	124
44 – Por quê?	Oswaldo Lacerda	127
45 – Quando ouvires o pássaro	Oswaldo Lacerda	130
46 – Cantiga de viúvo	Oswaldo Lacerda	133
47 – Teu nome	Oswaldo Lacerda	136
48 – A flor do aguapé	Paulo Florence	139
49 – O rio	Paulo Libânio	142
50 – A carta	Paulo Malaguti	146
51 – O pranto do mar	Pedro Amorim	149
52 – As neblinas	Souza Lima	152
53 – Hino da ALFBB	Synture Eva Hahamovici	154
54 – A cascavel	Villa-Lobos	157
55 – Canção do amor	Villa-Lobos	160
56 – Invocação em defesa da pátria	Villa-Lobos	163
57 – Melodia sentimental	Villa-Lobos	166
58 – Samba clássico	Villa-Lobos	169
59 – Veleiro	Villa-Lobos	172
60 – Minha terra	Waldemar Henrique	175
61 – Peixada na praia	Wilson Fonseca	178



Maria do Céu Senas

PREFÁCIO

Os clássicos brasileiros na música e na poesia aqui estão reunidos na obra *Música para Canto e Piano*, de Fernando Pinheiro, recrudescendo o sentido da arte, como expressão maior da comunicação, e reafirma não apenas a beleza de uma época do passado, mas expõe a transcendência da beleza necessária à alquimia da transformação dos acontecimentos atuais em algo que tem um sentido de perenidade.

Dentro da vibração densa de materialidade, característica atual da época de transição por que passa o planeta Terra, os espaços na mídia e na mente da maioria das pessoas são ocupados com informações que denotam o desencanto em todas as áreas humanas.

9 - MÚSICA PARA CANTO E PIANO

A música, por ser vibração, tem o poder de modificar os panoramas íntimos de desconforto e de desencantos que assolam o planeta Terra que, a partir de 31/10/2011, tem uma população de sete bilhões de pessoas.

No entanto, um bilhão de habitantes já ascendeu a dimensão maior de evolução, onde a felicidade é sustentada por um viver onde reina o amor. Essa imensa população, distribuída em todos os recantos do planeta, vivenciando o samadhi, o estado mais elevado da consciência humana, a caminho do Nirvana, o Paraíso onde está o pensamento de Jesus, não está mais escravizada pela ilusão. A libertação ocorreu pelo amor que esta população está vivendo, o único sentimento que resplandece a beleza.

A música é manifestação dessa beleza. Vamos apreciar o pensamento dos grandes compositores brasileiros que se uniram com os clássicos da poesia brasileira e verificar a mensagem atual que vem do passado como estímulo a um viver feliz, para sempre ser feliz.

Lembremo-nos, pois, de Villa-Lobos, Waldemar Henrique, Alceu Bocchino, Alberto Nepomuceno, Souza Lima, José Siqueira, Francisco Mignone, Najla Jabôr, Cláudio Santoro, Eleazar de Carvalho, Capiba, Synture Eva Hahamovici, Wilson Fonseca, entre tantos outros compositores.

E na área da poesia, vertente do pensamento incrustado em letras de partituras, lembremo-nos também de Ademar Tavares, Carlos Nejar, Cassiano Ricardo, Cecília Meireles, Dom Aquino Correa, Dora Vasconcelos, Ronald de Carvalho, Félix Pacheco, Gonzaga Filho, Humberto de Campos, Ribeiro Couto, J.G. de Araújo Jorge, Juvenal Galeno, Luzia Alvim, Manuel Bandeira, Margarida Finkel, Onestado de Pennafort, Raul de Leoni, Max Carpentier, entre outros poetas.

1

O CISNE DO LAGO

Numa mensagem resumida, podemos dizer que a música *O Cisne do Lago*, de Abdon Milanez, inicia-se em *Moderato*, desdobra-se no movimento suave que vai diminuindo e crescendo, e, finaliza em pianíssimo.

O compositor Abdon Milanez (1858/1927) é autor de música sacra e de operetas. Nos idos de 1916 a 1922, substituindo o cearense Alberto Nepomuceno, esteve à frente da direção do Instituto Nacional de Música (atual Escola de Música da UFRJ).

De autoria de Adelman Tavares a letra da música revela uma breve história de amor ambientada no reino vegetal e no reino animal: na mais ardente paixão, um cisne branco enamorou-se da rosa crescida à margem do lago. Um belo dia, a mimosa flor foi colhida por um jovem mancebo que a ofertou a noiva. O enredo finaliza numa circunstância triste: “E dizem que o cisne branco ficou tão cheio de mágoas que uma tarde sobre as águas abriu as asas e morreu.”

Sabemos que, dentro do ciclo evolutivo, a aura dos minerais transmuta ao vegetal e daí atinge ao reino animal, chegando ao homem, na evolução anímica que está inerente à criação divina. Assim como o homem “sonha” em ser anjo, da mesma forma, os chamados animais irracionais, dentro de seu mundo próprio, “sonham” em ser homem.

A sensibilidade que desperta o amor não é característica exclusiva da natureza humana: os minerais e os vegetais recebem e transmitem, em graus quase imperceptíveis, vibrações que podem auxiliar o equilíbrio das energias que circundam o homem.

Em resumo, não é apenas o ser humano que sente, sonha, desperta e ama. Os animais e as aves de estimação recebem e dão afeto, permutando “ideias” que têm muita semelhança com os atos humanos.

Quando há um vínculo sentimental entre os seres humanos e os animais, ocorre um clima de festa, alegria no reencontro ou de tristeza na circunstância em que a saudade aparece.

A presença de uma rosa plantada junto ao lago despertou a atenção do cisne branco envolto no nadar elegante em que buscava seduzi-la e a encantava, dentro de um enlevo que pertence ao mundo da flora e da fauna. O poeta da música aumentou a ótica da percepção e revelou que havia nele uma ardente paixão, depois convertida em mágoa.

No destino do cisne o amor sofreu uma perda. Seria impossível medir a intensidade desse amor, pois até mesmo nos seres humanos não temos a capacidade de defini-lo exatamente, tal como se encontra no coração. Por isso, a paixão define o estado acerbo ou mesmo mórbido de algo que não compreendemos.

Sabemos que os animais têm condicionamento repetitivo que facilita o adestramento. Nesse sentido, pensamos como foi angustiante para o cisne repetir, inúmeras vezes, o olhar amoroso em direção da planta, sem poder ver a rosa que acalentou seus sonhos de primavera no lago.

Acreditamos que o cisne tenha sofrido uma perda no comportamento repetitivo, mas não mágoa, comum entre os seres que estão vivendo na 3ª dimensão dissociada, característica do planeta Terra que ora está ascendendo a um grau maior de evolução.

No ser humano, em confinamento da ilusão, é muito comum esse desencanto, quando há separação de casais que tinham um romance envolvido em olhares alimentados de muito amor e paixão. O destino, que fez colher a rosa e fez encaminhar os amores para outros caminhos, estimula-nos a pensar que há outras rosas perfumadas em outros jardins.

2

MEU VELHO RIO

A música *Meu Velho Rio*, de Afonso Martinez Grau, traz recordações do Rio antigo, muito antigo mesmo. São reminiscências do passado, antes de 24 de maio 1898, data do nascimento do compositor.

A letra desta melodiosa modinha, acompanhando a atmosfera de um passado distante, é de autoria do poeta Pádua de Almeida, irmão do conhecido escritor Moacir de Almeida.

Afonso Martinez Grau pertenceu à Associação Brasileira de Imprensa, à SBAT - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Escreveu músicas de câmara, peças para canto e piano, dentre elas destacamos *Suite Antiga*, *Prelúdios*, *Jogos Infinitos*, para grande orquestra e executadas no Theatro

Municipal do Rio de Janeiro, bem como muitas músicas populares, sob o pseudônimo de A. Paraguassú.

O Álbum nº 1 - Canções Líricas Brasileiras – canto e piano, publicado pela Casa Arthur Napoleão – Rio de Janeiro – 1959, traz uma foto de Afonso Martinez Grau ao lado de Beniamino Gigli, célebre cantor lírico italiano, tirada nos idos de 1947, no intervalo do recital na Escola Nacional de Música.

Segundo informação pessoal prestada pelo maestro Jonas Travassos que o acompanhou em sua *tournee*, o célebre tenor esteve também na Igreja de Nossa Senhora da Glória, no Outeiro da Glória, onde foi agraciado com um título honorário da Irmandade e, usando sobre a roupa as insígnias recebidas, cantou as músicas Panis Angelicus, de César Frank e Ave Maria, de Bach/Gounod.

O Rio de outros tempos está na lembrança dos leques das “sinhás”, do oratório das esquinas, e os tristes “bicos de gás”, época de serenatas, becos sem luz, luz fraca de lampiões. Os leques das “sinhás” lembravam o convívio social na apresentação de artistas franceses e italianos no Teatro Lírico Fluminense e nos saraus de canto e piano nas casas de famílias ricas.

A religiosidade se manifestava no oratório das esquinas (eram nichos onde eram colocados imagem de santos, a fim de estimular os pedestres a um momento de prece e a concentração piedosa), e em algumas mansões e chácaras existiam uma capela.

Nos idos de 1854 - época em que o Banco do Brasil, em sua terceira fase (a 1ª em 1808/1829, a 2ª em 1851-1853), sob a presidência de Lisboa Serra, abre ao público suas atividades - Visconde de Mauá, o mais importante empresário do Império, teve a iniciativa de começar a fase de iluminação a gás no centro da cidade do Rio de Janeiro, substituindo a de óleo de peixe, muito fraca, quase apagada.

Naquela época, em noites de lua cheia, as pessoas ficavam em frente de suas casas em clima de festa e de amizade, onde surgiam sempre serenatas e saraus poéticos, noite adentro que se perdia pela madrugada.

Era o tempo em que se iniciava o carnaval dos bailes mascarados (bailes de máscara), divulgados em anúncios de jornal, e frequentados por artistas franceses e italianos e a elite da sociedade carioca acostumada a ler livros de autores franceses.

Outros anúncios de jornais retratavam o perfil da vida do Rio antigo, tempo do Brasil-império: leilão de escravos, aluguel de escravos, colégio para senhoritas, daguerreotypo (fotografia), papéis com pintados, pianos ingleses, superior rapé, ama de leite, coletes para senhoras (sortimento de Paris), depósito de bichos, botica homeopática, viagens em paquetes (navios a vapor).

Meu Velho Rio, de Afonso Martinez Grau, traz a atmosfera de um passado longínquo que foi suplantado para que a sociedade caminhasse em direção dos mesmos sonhos daqueles que não tiveram as facilidades do mundo moderno.

3

A JANGADA

A música A Jangada, do compositor cearense Alberto Nepomuceno, escrita para canto e piano, inicia-se no movimento moderado. Segundo o que podemos perceber, numa linguagem poética, é uma suave melodia que sugere a ideia de ventos soprando em tempo bom, céu aberto, com nuvens esparsas, temperatura agradável, ventos moderados, num colorido suave e ameno que se desdobra como a brisa do mar.

A opinião do escritor Mário de Andrade a respeito de Alberto Nepomuceno é digna de merecido aplauso: “Dentre os compositores de sua geração, é ele o mais intimamente nacional de todos.”

Nos idos de 1894, regeu a Filarmônica de Berlim, apresentando duas obras suas (Scherzo für grosses orchester e Suite Antiga) e em 1910 esteve em Bruxelas, Genebra e Paris, realizando concertos de música de compositores brasileiros.

O canto de A Jangada tem os versos do poeta Juvenal Galeno, interpretado no mesmo ritmo da música de Alberto Nepomuceno; letra e música que se interligam na mesma beleza, revelando os movimentos do mar: jangada, ventos e o navegar.

Sobre o poeta cearense, Juvenal Galeno, o escritor Francisco Silva Nobre (1923/2007), na época em que era presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil, comentou: "... Por isso mesmo, pôs em "A Jangada" toda a sua alma, eternizando-a com palavras simples, que todos adoram e ninguém esquece."

A jangada está no ar, é notícia; a jangada está no mar, é o prazer do jangadeiro. O poeta e o compositor, ambos da terra dos verdes mares, unidos na poesia e na melodia, doce cantilena, transmitem a sensação de leveza da brisa no mar que se espalha na praia.

Numa linguagem simbólica, a jangada é a amiga, companheira, virgem e amante, o jangadeiro é o amigo, amante e companheiro. O cenário é o mar, a música e a poesia se falam, se tocam, se entendem e se amam de verdade.

No romance dos amores, ondas vêm, ondas vão, ondas balançam a jangada e o jangadeiro, buscando melhor posição para se orientar, lhe faz perguntas sobre a vida que ela está levando ou que ela quer levar:

“Minha jangada de vela,
que vento queres levar?
Tu queres vento de terra,
Ou tu queres vento do mar?”

Na segunda e na terceira estrofes, o jangadeiro penetra na intimidade das águas, nas circunstâncias que circundam a jangada e a vê sobre as ondas, sobre as oscilações que a deixam pensativa, duvidosa a bordejar. Ele sonda a oscilação em que ela vagueia pensando no passado, nas areias da praia que a fazem encalhar, e no presente no meio do oceano, na oportunidade do amor presente que lhe dá direção no leme.

O jangadeiro gosta de vê-la adejar, como a garça, ou como a donzela, lépida e fagueira, resvalando no prado, a meditar. Dois atos muito importantes no romance de casais: o voo nos carinhos encantadores e a meditação para reter a sensação do voo que permanece no coração, no íntimo.

Se a oportunidade é a brisa que nos acaricia, o jangadeiro aprecia enternecido o vento favorável. O amor do jangadeiro pela jangada, a sua amiga, a sua virgem, a sua amante, a sua esposa, não teme as circunstâncias em que no mar surgem abismos. É virgem e amante porque a virgindade traz uma sensação do algo novo dentro de um amor exclusivo.

A vela irrequieta da jangada é sacudida e agasalhada em doces afagos, há carinhos desse amor que se revelam no coração satisfeito pelos frutos, pelos peixes recolhidos. Há um clima de contentamento, de felicidade pairando no ar, verdes ondas fagueiras embalando a jangada no mar.

4

CANDURA

Escrita nos movimentos musicais muito devagar e com verdadeira unção, *legato* e *simplice*, crescendo, diminuindo, com elevação, declamando com suavidade e com elevação, morrendo em pianíssimo, a música Candura, de Alberto Nepomuceno, tem um poema de Radindranath Tagore, adaptado para o português pelo tradutor Plácido Barbosa (1871/1938).

A consagrada poetisa Cecília Meireles, numa conferência sobre a vida e a obra de Tagore, realizada na ABI - Associação Brasileira de Imprensa, declarou: “A poesia tagoreana conduz a uma visão de santidade, de serenidade, na contemplação geral.”

A letra da música inicia revelando gestos delicados que envolvem ternura e carinho entre os namorados: “as tuas mãos nas minhas mãos, os meus olhos nos teus olhos, assim começou o nosso amor.” Hoje em dia, quase não se vê os casais andar de mãos dadas, nem olhar nos olhos, talvez para não demonstrar em público o compromisso entre eles. A tendência atual dos namorados é ficar ou namorar, não há outra alternativa.

O carinho alimenta o namoro; as mãos, os olhos emitem vibrações sutis que afaga, anima, dulcifica e extasia o nosso coração, uma sensação de voo leva-nos ao estado emocional de leveza e sentimos vontade de voar mais longe, como pássaro abrindo o espaço.

Voar juntos, em sonhos acalentados, o êxtase é ainda muito maior como a sensação de orgasmo que não pode ser sentida isoladamente. Compartilhar a nossa energia dulcificada nas emanações sutis que o amor nos inspira é viver duplamente, corpo e alma.

O cenário ajuda-nos a viver esses momentos inefáveis. No clima romântico, que criamos, pode haver lua cheia ou outras fases da lua e o ambiente adequado ao encontro amoroso, de uma cabana a uma moradia onde o requinte e o luxo se ostentam.

A letra da canção revela a claridade perfumada nos sentimentos dos amores. A atmosfera de amor, que os enamorados criam, tem luar, flores se abrindo, perfume no ar, silêncio que revela tudo correndo como os rios em direção ao mar e nossos pensamentos criando situações estáveis que constroem o lar, o refúgio que buscamos imitar do ninho de pássaros.

Quando os pensamentos inspirarem a beleza da rosa, podemos dizer que são pensamentos perfumados. O vidro de perfume acaba com o uso, mas o perfume que colocamos nos sentimentos de amor nunca termina, pois a fonte é inesgotável, isto porque colhemos do amor universal que se espalha em todas as coisas que existem.

A letra da canção também nos diz que a pureza do amor prende-nos os olhos e enaltece o elogio como forma de estímulo maior. Elogiar a beleza é criar uma atmosfera azulada onde o nosso amor flui com ternura e intensa emoção.

A música Candura finaliza num contexto social que sobressai a luta pela sobrevivência, onde o relacionamento de casais consegue ultrapassar obstáculos que influenciam o estado d'alma de quem ama e busca o amor correspondido: “E nos buscamos e nos fugimos, doces lutas simuladas, risos... timidez... Como é puro este nosso amor.”

5

CANÇÃO DO INVERNO

A Canção do Inverno, de Alceu Bocchino, foi escrita para canto e piano, nos seguintes movimentos: *andantino*, *pianíssimo*, *crescendo*, *pianíssimo*, *sonoro expressivo* e *pianíssimo*. Natural de Curitiba, o autor é regente, compositor, pianista e professor de renome internacional. Nas décadas de 1960 e 1970 regeu, entre outras, a Filarmônica de Sófia, a Filarmônica da Bulgária, a Sinfônica de Bilbao e a Orquestra Nacional de Lisboa.

A letra é de Pery Borges (1895/1967), poeta gaúcho, teatrólogo, cronista e tradutor. De grande beleza espiritual, a mensagem que a letra da música transmite, leva-nos ao silêncio e à contemplação como se estivéssemos vendo bem perto de nós a paisagem paradisíaca e nela um anjo do Senhor nos indicasse o caminho.

A sabedoria elucida e conforta. Quantas vezes ficamos parados pensando no vendaval de acontecimentos que arrastam multidões de pessoas, individualmente ou em grupos! O planeta inteiro arde em brasas queimando detritos mentais e atinge todos os povos em todas as direções em que a rosa dos ventos gira.

É o milagre do nascer e o parto traz sangue, suor e lágrimas. O importante não é a dor, mas o que vem da dor. O milagre da vida nasce em todos os sentidos, no corpo e na alma. Um sussurro, uma evocação à saudade dos amores que nos enternecem a alma, dando-nos alento e conforto, é um nascer para um novo dia.

A letra da música manda-nos olhar um pouco mais além da paisagem encoberta do inverno que traz tardes longas, tristes e sombrias. Lá fora, um pouco mais longe, há o encanto das horas, dias felizes, amores correspondidos e dádivas abençoadas.

Há um convite para olhar, com os olhos d'alma, através dos vitrais a paisagem ao redor. A saudade recrudescer os bons momentos vividos pelos amores semeados em clima bom. Há sol iluminando jardins, luar de prata sobre a noite dos namorados.

A letra convida a pensar: "... quanta ave cantou na tua aurora, e quanto sol, amor, quanta alegria deram luz e calor aos belos dias da tua mocidade!"

Os motivos para sentirmos felizes são muitos, basta apenas um para que tudo possa se modificar ao redor ou nos lugares onde andam os amores que nos correspondem o afeto. Reunidos todos eles, seria o mesmo que criarmos um paraíso.

O inverno é uma estação de chuvas, menos sol do que no verão, o que nos leva a pensar em menos claridade, menos calor, mais frio, mais sombrio, como também simboliza a fase em que há menos vigor como na terceira idade, hoje melhor aproveitada do que nos tempos de outrora.

Lembrar com satisfação quantos elogios mereceu o nosso trabalho, quantos sorrisos femininos despertaram-nos sonhos, quantos abraços de colegas de trabalho e de familiares que apoiaram planos em comum!

As alegrias que recebemos por uma palavra, um olhar, um discurso que promove nossos ideais, e ainda a satisfação de ter uma vida em comum, levam-nos a um estado emocional onde há um equilíbrio constante, sentimos a plenitude do existir, mesmo que tenhamos uma vida simples no contexto social.

A juventude, como fase de vida, é um estuar de energias, e podemos senti-la em qualquer idade em que vivemos, não importa o tempo, o vigor que vem da alma transcende todas as idades e reaparece em outro campo vibratório onde a vida resplandece. Onde está a morte, se a vida está em tudo!

6

CÂNTICO DE AMOR

Do ciclo Três Cânticos de Amor, texto e música de Almeida Prado, o primeiro Cântico de Amor, possui movimento suave e lento que se destaca na leitura musical. O final morre em pianíssimo. A música, numa linguagem transtonal, é quase um canto-chão com melismas simples.

A letra da música dá-nos a ideia de alguém, vivendo desolado e triste, que foi redimido da solidão por um grande amor. A mulher amada, tocando os ombros dele, o fez ficar feliz. Ele pensou em não respirar para não assustar o pouso das mãos dela que pareceu a de um pássaro.

A letra ainda fala dos olhos da mulher amada que ancoraram feitos navios, perto o horizonte, porque o amor elimina a distância. Os cabelos da mulher sobre os ombros parecem uma árvore frondosa que espalha sombra amena, carinho que faz brotar uma fonte. A metáfora finaliza: “Agora são rios de uma intensa força, nada impedirá que estas águas inundem as terras do teu coração.”

Nascido em Santos, José Antônio Rezende de Almeida Prado, da mesma família de Vicente de Paula de Almeida Prado (presidente do Banco do Brasil: 14/9/1931 a 16/11/1931), foi aluno de grandes mestres da música: Camargo Guarnieri, Osvaldo Lacerda e Olivier Messiaen. Consagrado no Brasil e no exterior, é o autor de Pequenos Funerais Cantantes (1º lugar no Festival de Música da Guanabara), Prêmio ESSO de Música Erudita, Ars Nova, etc.

Lembrando-nos da trilha percorrida pela mulher à procura do seu amado de que nos falam os Cânticos dos Cânticos, do rei Salomão, a música e a letra sugerem-nos a descida ao jardim das nogueiras, e de uma pedra brotou a fonte que fez florir as vides e fez brotar as romeiras. A solidão da água da fonte agora flui, em profusão, planície abaixo, beneficiando as searas.

7

ÓRBITA

Destinada para canto e piano, a música Órbita, de Armando Albuquerque, foi escrita, nos idos de 1947, em Porto Alegre, a capital gaúcha. Principais movimentos: no início é bem moderado, tornando-se mais forte, depois mais suave e no final é lento e fortíssimo.

Ainda com relação à música Órbita, o compositor Bruno Kiefer comenta que as linhas melódicas “apresentam uma horizontalidade muito nossa, horizontalidade que traduz uma certa timidez e, ao mesmo tempo, delicadeza de sentimentos.”
(1)

(1) **BRUNO KIEFER** (in **Os Cadernos de Música/2**, editados em 1973 pela **Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS**)

Armando Albuquerque (1901/1986), imortal da Academia Brasileira de Música, e membro fundador da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea.

Os versos do poeta gaúcho Augusto Meyer (1902/1970), contidos no livro *Giraluz*, compõem a letra da música que nos fala de desencanto, no momento em que o pensamento mergulha em perguntas íntimas, num ambiente em que as fumaças de cigarro se esvoaçam, arredondadas pelo abajur. O coração está pesado, a carga de emoções é de chumbo.

O personagem da letra sente-se só, até o tapete está em isolamento, “ilha clara na noite do mundo”. Ele busca encontrar antigas perguntas: “quem murmura em mim?” E permanece triste e grave, não sabe sair dos desencantos. A noite que está nele se reflete lá fora caminhando “sobre as rosas, noivas pálidas ao luar”.

As horas da noite parecem reavivar a ferida no peito, mas temos a certeza de que, assim como o minuto dança na pausa do pêndulo, as horas passarão e, no final da madrugada, a aurora surgirá para revelar que a noite era apenas um momento passageiro.

8

TOADA BARÉ

Os primeiros versos da Toada Baré, letra e música do pianista e compositor amazonense Arnaldo Rebello (1905/1984) têm uma revelação comovedora que confirma a lenda indígena sobre o pássaro do mais belo canto da Amazônia que, ao se expressar, constrói o seu ninho:

“Uirapuru está cantando na fronde do mututi.
Ói, mia mana, que alegria! É um novo amor
que vem pra ti.”

Quando o uirapuru canta, toda a floresta silencia. O seu canto voa longe, muito longe e tudo fica mergulhado no êxtase.

O canto desse pássaro é uma pequena melodia e nos revela firmeza e elegância. A presença de sentimentos cândidos resplandece na beleza clássica de comovente sonoridade. Não possui o lirismo das canções napolitanas, mas tem o vigor dos sons das trombetas anunciando o rei.

Na floresta amazônica há luta pela sobrevivência, animais maiores devorando animais menores e os insetos se alimentando do sangue animal, do néctar das flores e dos frutos em botão. Há um equilíbrio na distribuição de alimentos nesse reino.

Os animais caminham pela floresta, alguns rastejam lentamente acariciando terras virgens e mergulham em igarapés para fazerem companhias às vitórias-régias - bandejas de um banquete aquático. Todos vivem na gangorra - matar ou morrer.

O canto do uirapuru é um canto de exaltação à vida. Nesses instantes de comovente beleza, a gangorra para ou diminui de ritmo, como nas orquestras sinfônicas, quando entra o solista para dar destaque na execução da música.

Esse pássaro da Amazônia desperta, no meio de todos os seres vivos da floresta, a sensibilidade para a arte musical e a empolgação dos jogos sedutores nos animais em acasalamento.

Os músicos, os compositores, os regentes são como esse pássaro de canto maravilhoso, e dedicam suas vidas para embelezar o planeta, numa expressão maior da arte que resplandece o amor.

Precisamos da música como alimento de nossa alma que se empolga e vibra para demonstrar que a vida íntima é um estuar de energias, como os ventos, o luar de prata, as praias ensolaradas, as montanhas de cachoeiras cantantes.

A música dos grandes compositores clássicos é ricamente trabalhada, como os diamantes, e nos anima a caminhar firmes, com entusiasmo ou simplesmente conserva a nossa calma quando vemos os ventos fortes derrubando casas na areia.

A música popular igualmente tem o seu valor. Mas possui letras e movimentos comprometidos com momentos de desencantos: paixões amorosas mal vividas, lamento e ausência de amores que seguiram novos caminhos. Há uma preocupação mórbida de cantar aquilo que está parado ou desfeito pelo tempo.

A música sertaneja, uma das vertentes da popular, traz a simplicidade do campo, dos valores não contaminados pelo homem, mas sofre a influência das oscilações sentimentais em que a maioria das pessoas passa. Sobressai em duplas de cantores que fazem grandes sucessos, muitos deles anunciados pela televisão, levando alegria ao grande público.

A pequena melodia que o uirapuru canta maravilhosamente traz um sentido solidário entre as criaturas da floresta, assim como os homens buscam nas casas de espetáculo ouvir mensagens musicais que lhes despertam o convívio salutar entre seus semelhantes.

9

ELEGIA – CREPÚSCULO DE OURO

Destinada para baixo cantante e piano, Elegia – Crepúsculo de Ouro, Opus 10, do compositor paraense Artur Iberê de Lemos (1901/1967) foi escrita em 15 de junho de 1925, nos movimentos *andantino moderato*, pianíssimo, com suavidade, *più mosso*, *molto legato*, cantante e pianíssimo. A letra é de Félix Pacheco. O início descreve um panorama bucólico no qual o sol adormece no poente.

Membro da Academia Brasileira de Letras e, em várias décadas, jornalista do Jornal do Commercio, José Félix Alves Pacheco legou-nos uma obra rica nas áreas da poesia,

história e ensaios. Na política exerceu mandatos como deputado federal, senador da República e ministro de Estado das Relações Exteriores.

O canto elegíaco, que a música revela, cria uma atmosfera contemplativa, até mesmo de meditação, e estende sentimentos que buscam o sagrado. A hora é mística do mistério e não do misticismo enganador. É a viagem à alma, sol divino que anima o corpo, numa contemplação ao pôr-do-sol que se espalha no horizonte revelando imagens de beleza transcendente.

O crepúsculo de ouro veste as tardes sentimentais e sugere-nos paz e melancolia. A natureza toda adormece, a tarde é vencida, os pássaros voltam aos seus ninhos, o silêncio cobre a paisagem no horizonte, fazendo a vida diminuir as atividades e o homem percebe que é a hora do silêncio e da meditação. O encontro com a beleza da paisagem o faz voltar-se a si mesmo, em pensamentos reflexivos que o ajudam a sair dos embaraços do caminho.

Assim como precisamos desfazer de um programa para entrar em outro, tanto na informática como na prática, é indispensável desligarmos das coisas passageiras para nos ligarmos as que têm um sentido eterno, mergulhado no sagrado. Daí ter surgido, às seis da tarde, a hora da Ave-Maria, em outros tempos mais reconhecida e devotada. Sem apreciação desse movimento, surgiu, nos dias atuais o declínio de valores éticos e sociais.

O comércio de permuta de valores espirituais sempre esteve presente na vida humana, desde que o mundo é mundo. No roteiro bendito das religiões sempre houve o estímulo à prece como recurso de atrairmos as dádivas preciosas que estão à disposição de todos, independente de qualquer condição social, basta que nos coloquemos à altura de recebê-las.

No sentido inverso, esse comércio também se estabelece, porque as vibrações do pensamento são energias que ganham espaço em direção do estado mental que escolhemos. Se na sustentação dos valores éticos há um clima que estabelece a beleza, na estrada da sombra há perigos que podem dificultar ou mesmo interromper a nossa caminhada, afastando os ideais sublimes que a vida nos oferece.

Se na sabedoria do rei Salomão encontramos as setas que voam pela noite, na palavra do vate piauiense há um aviso sobre a estrada, colocado à beira do abismo:

“Núncios da noite, irmã do mal que do alto desce lenta e lânguida, abrindo um pátio às agonias, só quem vos pode ouvir é o coração do poeta.”

Entre uma e outra, a decisão é sempre nossa. Precisamos dizer mais? Não. Estejamos sempre à vontade para escolher. Vida sublimada pelos ideais nobres, que elegemos num momento de inspiração, eis a nossa opção.

10

MAGDALA

Escrita para canto e piano, a música Magdala, de Assis Republicano, traz os versos de Silveira Neto (1872/1942), membro da Academia Paranaense de Letras, pai do poeta curitibano Tasso da Silveira. No início surge o movimento *allegro con furia, allargando molto lentamente* que dá espaço à letra: “Colo que inveja o mármore leitoso, em taças rubras, tremula de gozo”.

A seguir, no andamento *poco più mosso* surgem as palavras do canto: “o champanhe dos beijos gole a gole, Magdala”. No meio da trajetória musical há um *crescendo molto* que envolve a pergunta: “como ao sonho convertê-la?” A letra da música finaliza dentro do *andante lento dolce*.

Antes de comentar o enredo que se adapta aos costumes atuais, apresentamos as palavras de Villa-Lobos sobre o autor: “Assis Republicano é um dos mais talentosos compositores brasileiros, equipado de fartos recursos técnicos e de um fraseado espontâneo e agradável”. (2)

Acrescentamos que o compositor Antônio de Assis Republicano (1897/1960), a exemplo de seu mestre Francisco Braga, compôs peças sinfônicas. A ópera de sua autoria A Natividade de Jesus foi encenada, em março de 1937, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Nos idos de 1942, o Hino Nacional Brasileiro, orquestrado pelo compositor gaúcho, foi oficializado por decreto-lei.

A letra da música Magdala, para canto e piano, aborda um tema bastante atual, o colo feminino, comentado em emissoras de rádio, jornais, e em emissoras de televisão.

Antigamente, e ainda hoje, os poetas se encantam diante dos seios da mulher. Castro Alves, o poeta libertador, imaginou sonhos vislumbrando a ideia de seios virginais, Lisboa Serra, poeta e presidente do BB (1853/1855), menciona o encanto feminino nos colos de alabastro.

(2) **HEITOR VILLA-LOBOS** (*in* Acervo Virtual – Catálogos on line – Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro - RJ)

Há um sentido primaveril banhando a atmosfera azulada como a chuva fina matutina banha os sonhos dos pássaros.

A música inicia anunciando “colo que inveja o mármore leitoso, em taças rubras, tremula de gozo”. O marketing de vendas aproveitou o nome meia-taça para definir modelo de sutiã. A taça lembra a vitória, o espaço de champanhe antes de ser brindada, num clima de festa, a meia-taça o requinte que adorna a beleza feminina.

Seios sedutores, seios sensuais, seios que nos atraem aos doces afagos, carinho de mãos e de beijos, assertiva do provérbio árabe: “o seio alimenta a criança e alegra o pai”. Quanta beleza os encantos da mulher nos inspira! Sublimado pelo amor, a sensualidade feminina traz encantos que embelezam a vida.

No passado distante, a mulher que se preparava para uma vida em comum possuía um recato, um decoro que a todos despertava a admiração. Hoje em dia, elas mantêm a conduta, às vezes, mal-compreendidas pelos romances fracassados. Quantos versos derramados de ternura chegavam ao endereço das namoradas! Quantos suspiros elas sentiam ao pensar em seus amores! Quantos sonhos eram criados e outros carregados pelo destino!

No momento em que a descoberta do silicone dá novas formas aos seios da mulher, avolumando-o ou diminuindo-o, surgem perguntas quanto à utilização. O toque nos seios naturais tem um gosto especial, e os seios de silicone, podem ter, na aparência, uma beleza estética, mas não as delícias que as mãos sentem ao tocar os verdadeiros seios.

A letra da música Magdala inspira o êxtase e atinge o gozo, onde o mistério circunda as almas afins e lança um jato de energia percorrendo a coluna vertebral, num circuito elétrico que volta ao coração, consumindo-se em espasmos.

No corpo mais sutil (duplo etérico) onde alma está atuante há movimentação de energias plasmando cores e nuances desenhadas em fulgurações de beleza transcendente, com reflexos benéficos e salutares ao corpo físico.

A maioria das pessoas fica presa unicamente à sensação dos sentidos, sem querer saber dos segredos que o destino lhe entrega naqueles momentos sublimes em que o corpo físico é apenas um instrumento de uma realidade mais profunda.

11

ORAÇÃO DA NOITE

Escrita nos idos de 1945, na cidade do Rio de Janeiro, e destinada para coro misto e contralto solista, a música *Oração da Noite*, de Brasília Itiberê (1896/1967), compositor, folclorista, membro fundador da Academia Brasileira de Música, tem os versos do poeta paranaense Emiliano Pernetta (1866/1921):

A leitura musical da *Oração da Noite* é longa. O movimento inicial é suave (semínima = 66). O final se desdobra em pianíssimo, *molto* pianíssimo.

A leitura da letra menciona que a noite chegou. A sombra envolveu o vale, a montanha e o mar. É o momento que antecede ao sono. É hora de rezar. O clima é bastante favorável. A quietude das horas é um estímulo suave e ameno.

O pai de Maria conduz a singela cerimônia familiar convidando-a ajoelhar ante as estrelas e bendizer inicialmente a luz que a criou como a mais formosa dentre as mais formosas mulheres do vale.

A oração prossegue bendizendo a terra e aqueles pobres e mansos animais: a ovelha que deu a lã que cobre o corpo dela e o boi que ajudou no campo a ganhar o pão. Não apenas ao boi, mas também a todos aqueles que trabalham com o arado.

Há um convite para ver como a noite está silenciosa, mergulhada em doces e suaves mistérios que nos despertam a sentir o paraíso que está nas estrelas. No plácido recôndito onde Maria reza, a lua misteriosamente apareceu. Talvez nem soubessem que era dia de noite de lua cheia.

O momento reflexivo estimula abençoar a carícia do sono que chega suavemente junto aos olhos nus de Maria e como diz a canção: “mais leve que uma folha de outono, mais leve que o som, mais leve que a luz”. Sentindo a quietude das horas, o pai nem se lembra que o som, dentro dos movimentos musicais, possui também o movimento forte.

A oração finaliza sintetizando um convite a todos que estão numa atitude meditativa em busca do alívio para suas dores:

“Basta que a tua dor venha do fundo d'alma, basta ergueres o olhar, basta ergueres a voz e logo tu verás como tudo se acalma. Oh! Jesus! Oh! Senhor, tem piedade de nós.”

12

CANÇÕES DO VENTO

Destinadas para voz grave e piano, as Canções do Vento (Elegia, O Vento é quando? e Quem me dirá quem sou?), de Bruno Kiefer, têm os movimentos *tempo justo* (semínima = 92), (Elegia), *moderato*, semínima = 76 (O Vento é quando?) e tranquilo, semínima = 72 (Quem me dirá quem sou?).

Na primeira canção do vento (Elegia), a letra é de Ribeiro Couto (1898/1963), poeta santista, membro da Academia Brasileira de Letras.

A segunda canção (O Vento é Quando?) traz a letra do poeta Carlos Nejar, membro da Academia Brasileira de Letras. A terceira canção (Quem me dirá quem sou?) tem os versos do poeta português Fernando Pessoa.

A Elegia, o canto primeiro das Canções do Vento, inicia indagando o que quer o vento, como se fôsse alguém vindo das praias desérticas que chega, nas horas frias, batendo à porta, querendo entrar. O poeta santista diz que as invisíveis bocas dos mortos andam de ronda, em longo queixume. E depois de morto, virá acordar a sua amada em carícias perfumadas de flores que o vento da primavera carrega.

Na hora do sono, morte parcial que vivemos todos os dias, quantas vezes, o nosso corpo astral saiu do corpo físico para entrar em ambientes que nos atraem e seduzem, até mesmo nas casas de nossos amores que nos alegraram a vida nesta e em outras dimensões! A vida, apesar de ser única, é múltipla, em suas formas e conteúdos. E quem garante que, após o desenlace da matéria, não iremos vagar à busca de encontros felizes?

A letra do poeta Carlos Nejar, contida na segunda canção, revela-nos que o tempo é quando depois de ter amado, depois de ter lutado. Em ambas as circunstâncias, a sensação de calma mergulhada numa leveza e quietude e relaxamento.

A letra da última canção vem nos versos de Fernando Pessoa que lamenta a perda de vitórias e de sonhos de amor em situações que não queríamos, na hora certa: "... que vitórias perdidas por não as ter querido! / Quantas perdidas vidas! E o sonho sem ter sido..."

Realmente, deixamos de realizar planos e ideias que poderiam ser de grande proveito para nossa vida, apenas porque não sabemos o momento oportuno.

13

ALAMÔA

Nos idos de 1948, quando o médico Guilherme da Silveira dirigia os destinos do Banco do Brasil, o funcionário Lourenço da Fonseca Barbosa, Capiba, escreveu a canção Alamôa, retratando uma lenda do arquipélago Fernando de Noronha.

Sobre o autor, ressaltamos que, nos idos de 1943, escreveu a canção Maria Betânia, destinada para a peça Senhora de Engenho, de Mário Sette, dirigida pelo teatrólogo Hermógenes Viana, patrono da Cadeira n° 17 da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil. Posteriormente, a canção foi gravada pelo cantor Nelson Gonçalves, hoje um dos clássicos da música popular brasileira. Outro sucesso de época foi a Serenata Suburbana, de Capiba, na voz de Dalva de Oliveira e regravada por inúmeros cantores

Ao ensejo do lançamento do disco Mestre Capiba Raphael Rabello e convidados, sob o patrocínio do Banco do Brasil, banco que divulga a memória nacional, citamos matéria publicada pela imprensa: “Mestre Capiba” está bem longe de ser mais um tributo comercial.” (3)

Capiba era mais conhecido como compositor de frevos. No entanto, na área erudita, escreveu um concerto para piano e outro para flauta, um trio para violão, violino e cello, e ainda uma suíte para piano, orquestrada pelo compositor Guerra Peixe. Nos idos de 1950, obteve o 2º lugar no concurso comemorativo ao 1º Centenário do Teatro Santa Isabel, na capital pernambucana, com a apresentação de uma abertura solene para orquestra sinfônica.

Ferreira Santos, poeta e romancista pernambucano, é o autor da letra da música Alamôa que começa narrando uma sombra de gente dançando dentro da noite, num lugar lambido pelo mar.

A lenda contada pelos habitantes de Fernando de Noronha é a respeito do episódio dramático ocorrido com um jovem casal. Ela, loira, de longos cabelos, parecendo uma alemã (alamôa para os nativos) foi morta pelo noivo. Motivo do crime: ciúme. Ele foi condenado a cumprir pena. Numa noite de temporal, ele morreu de remorso porque foi constatada a inocência da amada. Em noites de tempestade, ela surge dançando entre os rochedos a caminho da cela onde esteve preso o noivo.

(3) JOÃO PIMENTEL (*in* Capiba pelo violão genial de Raphael – Jornal O Globo (05 de novembro de 2002)

A letra da canção revela uma sombra de mulher a dançar num lugar isolado, rodeado de mar, açoitado pelo vento da tempestade. O ser mais profundo que nela vivia, enquanto noiva de um homem ciumento, recrudescer em imagens vivas que a morte não conseguiu eliminar.

Os noivos do passado, em transes dolorosos e de sofrimento, buscam o reajuste que a harmonia estabelece. O amor tem esse encantamento que faz surgir a beleza.

Particularmente, mesmo não aceitando o crime por amor, vemos que o canto nordestino se converte em prece fervorosa em súplica pedindo a Alamôa sair dos olhos do pobre pecador e perdoá-lo.

No mundo espiritual os passageiros do mundo material são recebidos e encaminhados a esferas de comportamento em que semearam seus corações. Quem semeou a noite escura colherá a noite escura, quem semeou o dia claro colherá o dia claro.

Os liames afetivos permanecem vivos dentro da durabilidade de que são revestidos, o que enseja pensar em grau ou escala de envolvimento, intensidade e teor vibratório das emanções psíquicas ou emocionais revelando a beleza, para concluirmos que somente o amor pode transmutar, no tempo e no espaço, a situação que revela a imortalidade do próprio sentimento.

Esse fenômeno que se irradia na Natureza e se faz presente no homem, numa consciência plena, que é integrante da própria natureza, independe da condição de crença ou aceitação, assim como o átomo já existia, embora não descoberto, desde os primórdios da civilização humana.

14

PÉROLA

O movimento *tempo di minuetto* dá início à música Pérola, de Carlos de Campos (1866/1927), escrita para canto e piano. No período de 1924 a 1927, o compositor foi governador do Estado de São Paulo.

Carlos de Campos é também autor das óperas *A bela adormecida* e *Um caso singular*, estreadas em abril de 1924 e agosto de 1926, respectivamente, no Theatro Municipal de São Paulo e encenadas nas temporadas de 8 a 16 de novembro de 1924 e 30 de julho e 5 de agosto de 1926 no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

A letra da música é do livro Cantos de Luz, de Luís Guimarães Filho (1878/1940), diplomata, poeta, ensaísta, filho de Luís Guimarães Júnior (1845/1898), imortal da Academia Brasileira de Letras, autor do célebre verso: “depois de um longo e tenebroso inverno”.

A letra da canção remete-nos à reflexão da vida, principalmente na oportunidade de vivenciar aquilo em que todos estamos envolvidos. Não é apenas exclusiva à pérola, figura de mulher representada diante do mundo, mas sim à criatura humana, de modo geral.

O título da canção Pérola tem maior significação, se compararmos ao ser mais profundo que habita em cada um de nós. A pérola, a que estamos nos referindo, merece maior atenção e cuidados especiais do que ao próprio corpo físico. É questão de transcendência.

O nosso ser mais profundo - sinônimo de alma, espírito, essência divina, corpo somático, energia do mundo (denominações consoante a linha do pensamento ético ou religioso) - está encarcerado dentro do corpo físico.

O poeta Luís Guimarães Filho, em sua ideia luminosa e cristalina, começa revelando-nos o mundo que as ilusões despertam. Quantas oportunidades de viver a felicidade são perdidas:

“Lúcida pérola encarcerada
Na rósea concha de um débil ser.
Teu berço dança como a jangada
que nos recifes se vai perder...”

Em busca da liberdade, em melhores ares, faz eclodir de dentro de si mesmo os talentos das artes e dos sonhos, negociando favores transitórios que o tempo desgasta.

Brilhos de festa, risos e contentamento se misturam para celebrar a vitória. A taça é cheia, em borbulhões, e se derrama. Aos poucos, estará vazia, refletindo a vacuidade no ser mais profundo. Na alquimia dos opostos, a lágrima revela o excesso. Adeus às ilusões!

Corre o tempo. O cansaço chega. Desilusões acumuladas são expurgadas como lixos mentais que precisam de reciclagem em outros espaços que não nos pertencem. Abençoado o esquecimento que não promove mais os desencantos. Virão, sim, a verdadeira alegria, os verdadeiros amores, os sonhos das fontes límpidas.

Nessa nova condição de vida, que estabelece em definitivo a felicidade que buscamos, sentimo-nos vontade de ter a simplicidade das crianças e dos amores primeiros, saudades de sermos nós mesmos, puros e belos, como disse, em analogia, o poeta da canção:

“Mas, ai! de súbito eis que te cansas,
Perdes o brilho do teu olhar...
Da antiga concha talvez lembranças!
Talvez saudades do velho mar!”

15

CONSELHOS

Comentar a música *Conselhos* do compositor e maestro Carlos Gomes é uma honra muito grande que muito nos sensibiliza, principalmente porque tivemos a oportunidade de ler a partitura escrita por ele (Acervo: Biblioteca Nacional). As marcas indeléveis do próprio punho do autor eram traduzidas por nós em perfeição e beleza comovente. Os primeiros movimentos da música: *Allegreto (accentada la prima)*, *staccatissimo*, aumentando e diminuendo, suave, crescendo, diminuindo, *staccato*, suave. O final é *allegro deciso*, fortíssimo.

A poesia do Dr. Velho Expediente compõe a letra da canção. A estrofe que mais justifica o título é a segunda:

“Se o homem idoso for, se ainda rapaz,
Tome a lição que ele quiser lhe dar.
Se funções, contradanças não quiser,
Também não queira, para não brigar...”

A letra da canção traz conselhos a mulheres casadas. Os tempos em que vivemos são outros dos aqueles em que viveu Carlos Gomes, mas reconhecemos que o relacionamento entre casais ainda está sujeito a condutas saudáveis que fortalecem a união da família.

Em cada estrofe há uma sucessão de conselhos úteis, vindo da vivência dos relacionamentos do passado que alcançaram êxito, e logicamente serve como bússola para guiar aqueles que, perdidos entre tantas informações, ainda não encontram o caminho certo.

Logicamente em cada um dos parceiros, haverá sempre uma variante de opiniões que oscila entre aquilo que deve ser e aquilo que pode ser ou mesmo não ser nada, o que vem caracterizar a separação.

Fazer a vontade do marido é o melhor caminho para as jovens esposas, desde que essa vontade esteja revestida de indícios de bom-senso, discernimento e os cuidados que vêm do amor verdadeiro.

Neste caso, entra muito a apreciação inteligente do que seja bom para ambos. Não apenas a satisfação e os gostos inclinados para um lado só, mas ao que convém para manter o casamento. O amor verdadeiro é feito mais de renúncia e desprendimento do que as vantagens pessoais.

16

ANGELITUDE

Nos movimentos *andante maestoso*, *espressivo*, *allegreto* e recitativo, a música Angelitude, da compositora e maestrina Chiquinha Gonzaga (1847/1935), tem, como letra, o soneto de Gonzaga Filho (1849/1931), poeta, romancista, teatrólogo.

Os primeiros versos da primeira e da segunda estrofe falam da lua e da madrugada:

“A lua tem na luz fresca, adorável, branca,
Um místico dormir de crânio que sossega.”

“A madrugada a treva amenamente espanca
E deste vale a cor, sorrindo nos entrega.”

A angelitude tem a abordagem, a partir das nuvens, vindo da lua, a lua branca que notabilizou a compositora Chiquinha Gonzaga, numa canção-título que se tornou sucesso na atualidade.

A luz da lua resplandece fulgores e encantamento, há um sentido místico que nos envolve. Se houvesse um despertar para que as pessoas olhassem ao céu, uma vez por mês, nos dias de lua cheia, certamente iria surgir uma atmosfera romântica que amenizaria muitos males em que a sociedade está passando.

Nesse enlevo seriam despertados os talentos que cada um possui dentro de si, e teríamos a gama incomensurável de produções artísticas, em todos os setores da atividade humana. A lição que vem da Natureza tem mais condições de reabilitar o ser humano em seu destino de angelitude do que os códigos sempre renováveis que, embora merecedores de elogio e respeito, ainda têm muito a se harmonizar com a natureza divina do homem.

A madrugada representa a oportunidade valiosa em que são dissipadas as nuvens sombrias que vedam a nossa visão no horizonte claro, onde a lua branca tem seus domínios. A visão vai mais longe, quando a transformamos para dentro de nós. Se conseguirmos unir esta imagem externa para o nosso íntimo, iríamos ver brotar claridade que emana do nosso ser mais profundo.

O entardecer leva-nos a pensar no poente, muralhas de tons e cores desenhados no céu em matizes que se alteram à proporção que a viagem do sol ganha novos rumos. A muda saudade é o despertar de sentimentos que nos unem aos amores que nos fazem sentir felizes, mesmo dentro de uma paisagem adversa que a natureza nos dá.

Sem lua, sem luz, sem encantamento, há sombras que mergulham em sonho adverso onde haverá sempre tristeza e desolação. Corpos sem alma, que se iludem nesse sonho, um dia serão despertados dessa letargia de sentidos que precisam ser elevados a um nível de consciência superior.

Ver virtudes na pessoa amada é o reconhecimento do clima poético que a lua branca nos dá. O elogio eleva, anima, revigora, alenta e a crítica aniquila, reduz, separa.

O elogio acadêmico, em suas múltiplas formas, aos patronos de identidades civis, militares e eclesiásticas, é o ponto máximo da memória e da cultura de um povo, de uma nação, de um continente, e de uma raça ou da própria raça humana, a raça adâmica, ou de outras raças humanas ou humanóides que se encontram nas esferas de outros sistemas planetários.

A angelitude é o despertar para a consciência da beleza que nos envolve: céus e terra, o visível e o invisível, o amor e a compreensão da ausência do amor naqueles que nem se lembram que são amados por seus entes queridos.

Um pedaço do céu pode ser encontrado na lua branca, como também num olhar feminino que nos desperta os mais elevados sentimentos que se expandem a todas as pessoas que encontramos, inspirados na luz de luar perene, como sentimos que existe no paraíso.

17

LUA BRANCA

Nos idos de 1912, no final da belle époque do cinema nacional e no início da entrada de filmes estrangeiros, sob o comando do empresário Francisco Serrador, e ainda da construção de salas de projeção e cinemas no País, a compositora, instrumentista e maestrina Chiquinha Gonzaga (1847/1935), escreveu a música Lua Branca. A primeira estrofe é cantada nos versos:

“Oh! lua branca de fulgores e de encanto,
Se é verdade que ao amor tu dás abrigo,
Vem tirar dos olhos meus o pranto.
Ai, vem matar esta paixão que anda comigo.”

A canção Lua Branca é uma súplica enternecida de quem ama e busca uma proteção ao amor apaixonado que, no íntimo, sente vontade de matar aquela paixão que sente, dentro de si, andando com ele. Esse sentimento provoca prantos e incomoda demais.

A luz da lua é um véu imenso que se espalha em chuvas de prata pelo céu aberto, estendendo um enlevo inebriante que desperta uma satisfação de beleza inefável e está intimamente ligada a um doce estado de espírito que ameniza e dulcifica.

A poetisa a viu e a transmitiu aos ouvintes a lua como a salvadora de angústias de amar apaixonadamente. Sem dúvida, um recurso valioso para sentir, no íntimo, a suavidade da luz que dela se derrama, como também existem outros meios que possibilitam a recomposição de ânimo firme no caminho da vida.

Assistimos, nos dias de hoje, a uma minoria de pessoas, que detém o poder da mídia, promovendo uma cultura centrada no escândalo político e na administração pública, nas notícias de crime em detrimento da informação da memória nacional ricamente encontrada em todos os setores da sociedade, principalmente na música, nas artes plásticas, na literatura, no cinema e na televisão.

Assim, divulga-se gratuitamente o desencanto em espaços onde os empresários gastam fortunas para promover seus produtos. Diante do desprestígio da virgindade e da banalização do sexo, a tendência dos casais é buscar apenas a satisfação do prazer sem que haja manifestação de amor.

Livrar-se do amor para não sofrer é o mesmo que livrar-se da vida para não viver. O que se aprende na saudade, na separação, vem enriquecer o nosso mundo íntimo para sentirmos melhor a vida que se estende em outros caminhos.

Quando um dia, na longa estrada do destino, tivermos a missão de confortar corações tristes, apaixonados, desiludidos e até mesmo abandonados pelos entes amados que se foram por outros caminhos, saberemos, neste nosso aprendizado, como ser útil, a fim de que possamos promover uma sociedade que tenha mais consciência da beleza que a lua inspira.

E na verdade ao amor que damos abrigo, vamos tirando dos olhos dos entes queridos o pranto, a paixão que mata, a amargura que desanima, e, seguindo o destino da lua, vamos iluminando os dias felizes dos amores que nos esperam.

18

CANÇÃO DA FUGA IMPOSSÍVEL

O início da Canção da fuga impossível, do maestro e compositor Cláudio Santoro, escrita no compasso 2/4, clave de sol, é apresentado no movimento lento.

A letra da canção é de Ary de Andrade que revela um barqueiro lançando-se ao mar, em direção da praia lunar, buscando esquecer os ecos do mundo, e levando consigo um resto de sonho e conclui pensativo:

“Como é que sonhei a fuga da vida se a alma
na terra deixei repartida?”

Acompanhando o mesmo sentido da letra da música, opinamos que aceitar a vida tem ligação profunda com os sonhos que nascem nas fontes límpidas. Não procurar nem fugir daquilo que já nos pertence, como as circunstâncias, as pessoas, as tarefas que estão em nosso convívio.

Muitos buscam tenazmente realizações no campo dos sentimentos, desejam conhecer pessoas que lhes preenchem as horas vazias e, uma vez conseguidas, separam-se num clima de indiferença, sem perceber os liames que permanecem fragmentados no espaço-tempo.

No giro das órbitas, esses liames afetivos circulam ao redor de quem os fez surgir, independente de rejeição que recebem ao se aproximar. A lacuna está sempre inclinada à força que lhe dê transmutação.

As oportunidades que promovem o encontro e a possibilidade de estarem ligados, permanentemente, surgem a cada instante. Os olhares, os sorrisos e o suspiro numa saudade alteram-se constantemente.

A vida surge como as notas do piano, lançadas no ar, os prelúdios, as sonatas, as sinfonias, os concertos. Os sons elaboram imagens que criam situações intimamente ligadas ao nosso mundo íntimo.

Assim são as pessoas, umas são prelúdios de um romance que floresce apenas uma vez como a flor dos aloés, outras são concertos de variações bastante diversificadas, outras ainda são sinfonias que incorporam um conteúdo musical bem mais amplo.

Se a vida nos dá lua e estrelas, ventos e maresias, chuvas e trovoadas, neblina e cerração, pôr de sol romântico e luar derretido em prata, por que ainda teríamos de buscar novas paisagens?

Quando assumimos uma posição de súplica em que o desejo vibra como o metal no fogo, estamos criando situações do destino que virá na intensidade em que foi suplicado, embora haja forças circunstanciais anulando a nossa participação como a semente lançada em solo estéril.

As circunstâncias desfavoráveis são avisos importantes que repercutem, como os sinos das catedrais, despertando-nos a fé, qualquer que seja a nossa ideologia. As dificuldades ajudam-nos a refletir nos sonhos que trazemos do berço.

Como é do conhecimento de muitos, o pensamento é força que irradia nossos sentimentos. Buscar aproximação de pessoas e situação que desconhecemos é o mesmo que embarcarmos em canoa descendo regiões montanhosas.

Do mesmo modo, fugir de tudo aquilo que nos chega, sem termos a capacidade de identificar o que nos convém, seria tão desastroso como descer as cachoeiras dos grandes rios.

Os desencantos das noites escuras são refletidos nas paisagens íntimas daqueles que buscaram os sonhos que não lhes pertencem e fugiram dos encontros de pessoas que o destino lhe reservou nos luas em eclipse.

Desligado da consciência grupal, do âmbito onde circula, o homem cria o deserto íntimo onde só existirá oásis se as condições em que estiver mergulhado forem abrandadas pelos seus gestos de recomposição.

19

CANÇÕES DE AMOR

Escritas nos idos de 1958, as três músicas *Em algum lugar*, *Ouve o Silêncio* e *Acalanto da Rosa*, de Cláudio Santoro, trazem os versos de Vinícius de Moraes, e integram o ciclo *Canções de Amor*.

A música *Em algum lugar* começa dentro do movimento andante, a letra é revestida da esperança de haver algum lugar onde o amor possa ser vivido em paz.

A canção *Ouve o Silêncio* do ciclo *Canções de Amor*, como é óbvio, estende uma atmosfera sussurante quase silenciosa, a expressar um segredo de um amor, em aparente solidão, a cantar a beleza de viver.

A terceira música do ciclo tem por título *Acalanto da Rosa* que expressa o dormir da estrela no céu, o dormir da rosa no jardim e o dormir do amor de quem o faz dormir. O texto cita a frase: “é preciso pisar leve”, fazendo-nos lembrar a canção *O bilhete*, de Jair Amorim e Evaldo Gouveia, na voz do cantor Altemar Dutra: “quando chegares, viu, pisa bem devagar que a minha dor dormiu.”

Os versos do poeta Vinícius de Moraes começam, na primeira canção, falando-nos da possibilidade da existência de algum lugar onde o amor possa viver em paz. Realmente, é muito difícil se encontrar, neste planeta, um recanto que esteja em eterna primavera.

Mas sempre existe àqueles que trazem o amor no coração, um lugar de paz onde se pode viver o amor e ser feliz, bem feliz. A felicidade, que semeamos, será a mesma que iremos receber de volta, embora tenha percalços para chegar ao ponto em que desejaríamos. Uma simples visão do caminho que buscamos já é o suficiente para estarmos bem com a vida.

Na segunda música, há um convite para ouvirmos o silêncio que fala do amor triste que não pode acontecer entre um casal. Os motivos dos amores impossíveis são muitos e alguns deles permanecem em segredos insondáveis.

A canção, logo de início, diz para não falar e, um instante depois, pede para falar bem de leve, dizer bem baixinho de um segredo e um verso cheio de esperança no amor que eles sentem. Antes que a amada possa manifestar algum desencanto, ele se antecipa, impedindo-a: “não”.

Em seguida, ele a incentiva a cantar a beleza de viver, fazendo uma saudação ao Sol e a alegria de amar, mesmo na aparente solidão. Se há um vínculo de amor, sustentado por pensamentos intensos e profundos, a separação é apenas física e não emocional. Não há motivos para tristeza. O amor é o cântico que persiste.

Pensar no Sol, em forma de saudação, é muito salutar, pois a energia, que dele se derrama, pode envolver-nos, a qualquer hora, de dia ou de noite, em fortes emanções etéricas. O pensamento em direção as conquistas maiores dá um sentido maior em nossa vida e ajuda-nos a ficar mais confiantes no caminhar. Lindas imagens ideoplásticas, que o cérebro cria, facilitam a contemplação da beleza ao nosso alcance.

De efeito semelhante, podemos, sem buscar nenhum meio exótico, atrair pelo pensamento as energias que emanam de paisagens conhecidas: o deserto do Saara, as savanas africanas, as nascentes do rio Nilo, os Alpes franceses ou suíços, os fiordes escandinavos, as florestas eslavas, as paisagens polares, o pantanal mato-grossense, as cachoeiras do Iguaçu, os igarapés da Amazônia, as areias dos lençóis maranhenses, em Araiozes e Barreirinhas.

No Acalanto da Rosa o pensamento de Vinícius de Moraes segue em direção da estrela, da rosa, da lua e do amor para revelar que há sono. Há, também, como vimos, um sutil alerta: “é preciso pisar leve, aí é preciso não falar”. Quando a amada adormece o perfume dela é suave e ele a compara a rosa pura dentro de um sono que, devido à longa espera, supomos, não tem fim. Pois, do contrário, iríamos reconhecer a morte ou a própria vida ressurgida em outra dimensão maior.

20

IRREMEDIÁVEL CANÇÃO

Com o movimento lento, a Irremediável Canção, de Cláudio Santoro, escrita para canto e piano, traz os versos de Ary de Andrade, o autor de Balada de Campos do Jordão (1942), Canto do tempo presente (1946), Poemas de mãos calejadas (1951), Café Society (1955), Romance das estradas (1971).

Cláudio Santoro (1919/1989), professor, compositor, violinista, maestro, fundou e regeu a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, morreu no palco do teatro, hoje denominado Teatro Nacional Cláudio Santoro, no momento em que estava ensaiando o Segundo Concerto para piano e orquestra, de Brahms.

Comentar a letra que a música embala lentamente é colocar a poesia em dois cenários completamente opostos: um céu de beleza indescritível e um inferno que buscamos, o mais possível, silenciar. As paisagens íntimas que o poeta sentiu na mulher amada, vê-se no final mergulhada em profundo abismo.

Quando o despertar de um romance começa, há sonhos que imaginamos serem sonhos, talvez pela vontade de sentirmos que a pessoa amada, depois não amada, estar no mesmo sentimento que vivemos. É claro que a beleza física da mulher inspira-nos ao enlevo dos amores eternos.

O letrista criou um clima de colorido poético, onde destaca a leveza e a mansuetude no olhar da mulher amada, comparando-a ser ela feita de luar. No envolvimento amoroso, a paixão desenfreada invade o terreno das sensações em que o corpo se entrega aos prazeres sensuais. O silêncio da mulher amada encobre, momentaneamente, a realidade em que ela vive e a luz que ele viu no sorriso dela se espalha pelas estrelas.

Em resumo, em seu idílio amoroso, ele a cantou em versos que a compara também com a fonte, a música, a praia, o mar, tudo, enfim, que inspira luz e calor. Esse amor não foi correspondido nessa mesma intensidade. Almas incompatíveis se debatem intimamente, de abraços em abraços, mesmo que as aparências sejam envolvidas no clima de amor.

Há um tempo-limite na espera dos sonhos acalentados, não bastam apenas colo e perfume, abraços e ternura, respiração mergulhada no orgasmo e êxtase; os jogos da

lua-e-dos-ventos são bastante concorridos e requerem uma preparação não apenas física, mas principalmente emocional.

O tempo se encarrega de nos entregar aquilo que pertence ao nosso destino, assim vão-se embora os amores que pensamos ser verdadeiros, e vêm-nos, para nossa felicidade, os amores que muito têm a ver com a nossa alma, sem esquecer que os atrativos, que nos encantam, têm igualmente um papel muito importante em nossa vida, não exclusivamente primordial.

O passado amoroso que não traz nenhuma recordação agradável deve ser esquecido, sem, no entanto, menosprezar quem para nós foi praia e mar, fonte e música, deixando que outros ventos, que não precisamos saber de onde vêm, levem aquele amor que não vive mais em nosso coração.

21

LINHA RETA

O poema Linha Reta, de Cecília Meireles, foi dedicado pela autora ao poeta Cassiano Ricardo, nos idos de 1964. O compositor Dom João Evangelista Enout, escreveu a música, com o mesmo título, no movimento *moderato* suave e harmonioso. A canção finaliza entoando um acalanto: “nan-nan, nan-nan, nan-nam, nam, nam-nam.”

Dom João Evangelista Enout, recebendo a letra da poetisa Cecília Meireles, compôs a música Linha Reta, revelando ambos a compreensão do destino, da rota, da linha reta do voo dos pássaros e, logicamente, do fluxo da vida humana que se apresenta em diversas atividades, tão variáveis quanto forem as necessidades existenciais de cada uma.

O primeiro verso do poema traz um aviso: “Não tenteis interromper o pássaro que voa em linha reta de leste a oeste. alto e só.”

No voo dos pássaros, há um incentivo à reflexão a respeito do que possamos transmutar na apreciação do comportamento solitário daqueles que trazem uma mensagem gravitando nos interesses em comum da classe a que pertence. O momento da espera é sempre em silêncio para não perturbar o fluxo do acontecimento que está sendo impulsionado pela circunstância favorável. Na trajetória do destino, vemos que há uma pausa que antecede à realização dos sonhos.

A canção fluindo suave e harmoniosa como a própria vida do autor e da letrista, estimula-nos a seguir a mesma trajetória que nos conduz emocionalmente a um recanto feliz, revestida do sentimento que nos induz a contemplar a vida que vemos em outros voos.

Como muita gente pensa o que é bom para si é bom para os outros, não percebendo o plano divino que o destino traz, tenta interromper a trajetória alheia que é diferente daquela que traz consigo. Na busca para escolher o melhor estilo de vida para si mesmo e aos seus companheiros do caminhar, tenta interromper quem segue aparentemente na solidão.

A curiosidade, que é mais uma forma de procurar saber superficialmente o que não consegue identificar no íntimo, é sempre abafada pela evidência dos fatos que traz a verdadeira identidade daquilo que deve ser dentro da realidade única. Aí a sabedoria do silêncio é a única forma que produz efeitos.

Comparar comportamentos em estilos diferentes, buscando o mesmo resultado em situações divergentes por natureza própria, é não considerar dois fatores primordiais: o tempo e o espaço. Não tem nem rumo a indagação curiosa sobre paisagens íntimas que não estão no olhar de quem tem outros voos sublimados por música que permanece no reino da criação íntima.

A vida, dádiva preciosa em que os talentos surgem para resplandecer a beleza das formas e dos conteúdos, tem variações que denotam movimentos como a própria música.

Assim como não podemos comparar os estilos de vida que se processam em planos superiores ao da Terra, com as mesmas ferramentas usadas nesta densa dimensão, do modo o pássaro, na apreciação de Cecília Meireles, “não passa para contemplar essas coisas do mundo”.

No mundo tridimensional dissociado da Unidade, como o planeta Terra, as trevas ainda dominam os campos de ação onde o homem não coloca o amor no coração. As trevas o fazem estar em confinamento, mesmo sabendo que é possível a conexão com os planos superiores, desde que haja a elevação de teor vibratório de seus pensamentos.

Em outros planetas, na 5ª dimensão e seguintes, não há mais doenças nem aprisionamento da consciência às trevas, pois a luz irradia energias salutares que promovem a plenitude em todos os sentidos. A alimentação passa a ser fluídica, não há velhice de idade, pois a flor da idade é mantida no decorrer de longo tempo que pode durar 100, 200 anos, dependendo da missão realizada. O pensamento plasma as roupagens mais bonitas no vestir, em luzes e cores de inefável beleza. O encanto feminino é mil vezes superior.

22

TU E O VENTO

No movimento lento, com simplicidade e vivo, a música Tu e o Vento, do maestro e compositor Edino Krieger, escrita em 02 de maio de 1954, em Teresópolis-RJ, traz a letra de Ademar Tavares.

Advogado do Banco do Brasil (1925/1930), Ademar Tavares foi eleito, em 1924, para a Academia Brasileira de Letras, presidindo-a em 1948. No período 1948/1950, ocupa o cargo de presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro.

Nos idos de 1960, o poeta pernambucano, durante o 1º Congresso Nacional de Trovadores e Violeiros, é aclamado “o rei da trova brasileira”, até hoje insuperável, com apoio do poeta e trovador Walter Waeny (1924/2006) (Cadeira nº 37, patronímica de Rodrigues Crespo, da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil).

O poeta da canção descreve um momento passado na praia: o vento e a mulher sentada na areia iniciam um envolvimento amoroso. O olhar dela se espalha pela distância afora e vê, ao longe, velas que brincam perdidas na esteira do mar, alto mar. Sem imaginarmos o que se passa num minúsculo ponto no horizonte de águas, pensamos que tudo lá distante são brincadeiras flutuantes como as marés que vem e vão.

A conquista amorosa diante da mulher é a mesma que temos com as aves e os animais. Um olhar, um gesto mal direcionado pode afugentá-los para bem longe de nós. Tudo depende da forma como exteriorizamos nossos sentimentos, pois a aproximação tem que ser natural e espontânea, como os gestos do amor à primeira vista. Os domadores de animais sabem o que eles querem, e entram nessa onda do querer em comum, atingindo até um clima de afinidade de gostos.

A mulher, naquela época, educada para o decoro social, tinha restrições sobre a liberdade e, até mesmo liberta dos preconceitos ainda se sentia, dentro de si, presa a condicionamento de atitudes imposto pela sociedade. Até hoje no mundo islâmico, a mulher tem severas restrições no comportamento social.

Livre no andar e no pensar, igualando-se em condições idênticas ao homem na vida moderna, a mulher da canção foi à praia para tomar banho de sol e de mar. O vento a envolveu no enlevo dos amantes, sacudindo seus cabelos, acariciando seus ombros, até mesmo amenizando pensamentos.

Ela entrou em conflito íntimo, sentia a suavidade do vento, ao mesmo tempo a invasão de algo impetuoso em seu corpo, como se fosse um príncipe ousado, atrevido e conquistador, no dizer do poeta pernambucano.

Ela ficou amuada, desligou-se da contemplação das velas distantes no mar afora e prendeu os cabelos, prendeu os vestidos, a nudez fugiu-lhe da imaginação, ao mesmo tempo sentiu-se seduzida, envolvida pelo vento que a tornava mais mulher.

Por analogia, a mulher conquistada é a pantera que se deixa ser domada e levada aos carinhos que a confortam ou, numa linguagem mais singela, é a garça que vem beber água nas mãos de quem ela viu inocência.

23

HINO À BRASÍLIA

Sustentada pelos movimentos: marcial, forte, fortíssimo, a música Hino à Brasília, do compositor e maestro Eleazar de Carvalho, tem a letra de Arnold Bruner que dá o início apresentando, poeticamente, pedras preciosas no manto da cidade.

A cidade de Brasília está intimamente ligada ao ouro (sol, riqueza, poder) e a esmeralda (verde nos sonhos de muitos que a buscam e na vegetação de imensos jardins), razão pela qual é conhecida como a capital da esperança.

A letra do hino saúda a cidade em galanteios destinados à princesa, à rainha e ao arco-íris de uma nova era simbolizando o reinado das cores de numerosos partidos, raças, regiões e religiões, povos e nações estrangeiras que nela vivem contribuindo para a grandeza do Brasil. Evocando lealdade e fé, a saudação enaltece o destino de glória em que a cidade está envolvida.

Conhecido por todos, o pôr-do-sol de Brasília, frio e quente, no mesmo instante, é sertanejo porque está cercado de cerrados e por cigarras que cantam ao final do dia. Dentre as páginas belas sobre a capital da República, destacamos os versos da poetisa e jornalista Nazaré Tunholi, membro da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil, empossada, em 27/5/1994, recebida pelo poeta Solange Rech (1946/2008), em solenidade no Centro Cultural Banco do Brasil – Rio de Janeiro.

“Parabéns, Brasília!
Por seu cristalino céu,
Pelas promessas de justiça
Nas dobras do seu véu
Pela incontida alegria
De amar, crescer e viver
Na sua geométrica magia!” (4)

(4) NAZARÉ TUNHOLI (*in* Estilo Notícias, Jornal Cultural e Social – Brasília (DF) – março / 1996 – Ano IV – N° 40)

24

CANTILENA

Destinada para voz média e piano, a música Cantilena, do compositor e maestro Ernani Aguiar, membro da Academia Brasileira de Música, traz um texto do poeta Gerson Valle, na versão de Antônio Guerreiro.

Comentar a letra da música é mergulhar num mundo de filosofia que abrange os planos (material e espiritual), intensivamente, ricos de informações preciosas ao nosso viver que nos ajudam a deslindar os enigmas do caminhar. Em suma, é o encontro com a sabedoria.

Na simplicidade de um recanto aprazível, o texto revela uma várzea onde o vento varre e carrega os antigos cantos de tristeza. O vento simboliza mudanças como também o tempo que apaga os desencantos. Nesse sentido, ficamos sensibilizados com todas as mudanças que ocorrem na melhoria da qualidade de vida em todos os reinos da criação. Em resumo, é a lei da evolução que a tudo envolve.

O texto prossegue revelando esses cantos oriundos de origem desconhecida e nos sugere o esquecimento do passado de tristeza, pois temos um recurso precioso que nos ajuda a seguir outras direções onde a beleza está presente; quantos amores estão lá aguardando-nos para festejarmos a vida que se expande, como as sinfonias, em harmonia, revérbero e pujança! O peixe sente o que é nadar em tanque e o que nadar no mar.

A atmosfera, que criamos com nossos pensamentos, vai-se embora como os ventos que correm pelas manhãs, tardes e noites. Permanece somente aquilo que guardamos em nosso coração. O amor tem esse poder e ainda salva, num clique, os programas informatizados em nosso inconsciente.

O texto, a seguir, fotografa o cenário de nossa vida: "... nessa paisagem, que adormece docemente, são os tecidos estampando nossas mentes feitos de linhas coloridas e em conflito."

O encontro consigo mesmo é o ponto de partida para traçar novos planos de viagem. Adormecer docemente paisagens íntimas. A reflexão surge, as perspectivas de sonhos se delineiam como as cores do arco-íris, tão distantes, mas tão reais!

Embora não perceptível pela visão física, nossos pensamentos emitem vibrações que possuem coloração, peso, intensidade e velocidade. A aura humana reveste a alma e o corpo e possui uma identidade própria de acordo com o nosso viver. Este conhecimento tira toda a ilusão que as aparências apresentam em doutrinas e utopias passageiras.

As vibrações, emitindo uma coloração que se desprende das cores, possuem nossas tendências, aptidões e gostos. As tonalidades amenas, que estão em qualquer uma das cores do arco-íris, configuram elevada espiritualidade. As sombras, que desfiguram a própria cor, não possuem a vitalidade que as vibrações salutares emitem. Alimentada por conflito, permanecem em conflito.

Cantar o canto solto é a missão do vento errante, forte e frio de que nos fala a canção que, invadindo o terreno da alquimia, pergunta e responde quando um elemento vira noutro.

A lágrima – água salgada que escorre dos olhos – nasce em fontes onde colocamos o nosso pensamento que necessita escoar para não estagnar, tal como o rio, correndo a caminho do mar, beneficiando as searas. Há uma alquimia, uma transmutação: o elemento ar transformado no elemento água.

O final da letra da música traz alívio aos sofredores, demonstrando que a dor, jogada fora pelo pranto, elimina o que sobrou do canto, e se converte no encanto de puro amor.

25

ODEON

A música Odeon, de Ernesto Nazareth, foi escrita para piano. Na quarta capa da partitura, editada por Mangione & Filhos, a música é igualmente destinada para violão (acompanhamento) e canto.

Odeon é tocado ao piano na armadura de Mi Maior, com 4 sustenidos (fá, dó, sol e ré sustenidos) no compasso binário que denota a característica de um tango e se expressa num clima *caliente* seguindo a trajetória musical: gingando, medianamente forte, expressivo, sempre crescendo, diminuindo, expressivo, diminuindo, fortíssimo, com brilho, menos fortíssimo, mimoso, forte e *ritenuto*.

A letra da música é de autoria de Humberto Maurício que fala da saudade dos matinais e dos vesperais no Cine Odeon, no Rio de Janeiro. Na sala de projeção, filmes de faroeste, e no saguão o pianista distraía os frequentadores tocando tangos, choros brejeiros, valsas lentas bem dolentes. Os cavalheiros e as damas se aproximavam, emocionados, olhando uns aos outros, com vontade de dançar, ou quase dançando. A letra fala do modo de conquistar uma donzela.

Os antigos “torpedos” eram “bilhetes” que passavam voando das mãos do conquistador para as da sua amada. Temos notícias de que esses recados por escrito ainda são usados em casas noturnas onde há grandes concentrações de jovens que buscam se divertir. É mais uma “paquera” inocente do que o encontro programado de casais.

Esse costume se expandiu ainda nos dias de hoje, em forma de cartões-de-visita, utilizados também na identificação de autoridades, ou prestadores de serviços que divulgam suas atividades.

Os filmes de ontem são os mesmos de hoje: “soco, tapa, ponta-pé, bofetão”. A violência já denotava, naquela época, sinais de escalada, em acontecimentos aparentemente inocentes. A plateia, em coro, gritava: “pega, bate, pisa, mata, mata esse grande “vilão!”

A saturação desses momentos agitados era abafada pela presença do pianista que tocava, após o término das sessões as músicas brejeiras e as músicas dolentes. O efeito era surpreendente: “num repente o pianista vão cercando, se chegando, quase, quase a dançar, Ah!... (bis)”.

26

FARÂNDOLA DAS HORAS

Nos movimentos *allegro non troppo*, um *poco rallentando*, *molto vivo*, *molto lento* e *pianíssimo*, a música Farândola das Horas, de Francisco Mignone, traz os versos de Goulart de Andrade (1881/1936), poeta, romancista, teatrólogo e membro da Academia Brasileira de Letras. No início da letra da música surge a dança das horas:

“Sobre nuvem de ouro, com festões de ouro, passa aéreo bando girando, claras como auroras dançam no ar as horas como gentis meneios de seios.”

Evocando Gonçalves Dias (*in* Obras Poéticas I, p. 224 – “Tenho também uma lira / De festões engrinaldada!), vê-se que a imortalidade aí está no símbolo da lira e dos festões. Os campeões olímpicos também possuem os louros em coroa.

Relembrando um pouco os feitos do grande maestro e compositor paulista, ressaltamos que, em 1976, a ópera O Chalaça, de Francisco Mignone, foi estreada no Theatro Municipal de São Paulo, tendo no papel-título o barítono Paulo Fortes. O libreto é de autoria de Mello Nóbrega, patrono da Cadeira nº 31, da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil.

A dança das horas que inspirou ao compositor Ponchielli a música de balé e ao poeta Guilherme de Almeida, o poema-título do livro, é, também para nós, um ponto reflexivo sobre a vida. Para conferir esse argumento, basta mencionar a presença do relógio na vida humana.

Desde que foi inventado, foi colocado nos lugares públicos para lembrar a população que existe um horário a ser obedecido: hora de acordar, hora das refeições, hora de trabalho, hora de passeio, hora de viagem, hora de dormir, etc., obedecendo à sabedoria do rei Salomão: “na vida, há tempo para tudo.”

A imagem usada por Goulart de Andrade é repleta de riqueza não apenas pelo ouro que as nuvens transportam, em auroras rutilantes, mas por imagens de elevado valor que traz uma leveza sublime, certo encantamento que vem das horas passando lentamente e das mulheres que passam nas ruas vestindo roupas em que sobressaem os meneios de seios.

As horas, que dançam, são comparadas a mulheres em movimento, onde surgem, além dos meneios de seios, o encanto e a sedução que a cintura revela: “os braços nevados como eletrizados, e as ancas redondas como ondas”.

A letra da canção evoca ainda um cenário, onde se desenrola, num clima de alvura, no símbolo do arminho, um desfile de horas / mulheres em várias situações de:

agitação: no semblante esvoaçante;

confiança: no rosto sorridente;

rapidez: aquela que dá voltas, viaja, passeia;

evidência: é a daquela que tem glória;

riqueza: aquela que se veste de ametista, joia que se debruça sobre corpos lindos de mulher;

saudade: aquela que tem pensamentos leves, como a brisa, que chega a uma transcendência, o gozo de infinito bem que apenas soa e voa.

Há um constante desfile de horas / mulheres. Todas passam, muitas fazendo alaridos, entre risos e guizos, para mostrar que estão vivas como faz a cigarra morrendo e cantando. Aquela que encontrou a felicidade não volta pela onda revolta. No espaço nuvens vão se diluindo (problemas que passam) e surge a estrela vespertina, revelando-nos o paraíso que criamos.

27

MUSA QUE PASSA

Do ciclo 6 Líricas, para canto e piano, escrito nos idos de 1932 pelo compositor Francisco Mignone, a música Musa que passa tem o início no movimento vivo sustentado pela semínima = 126 e o final morrendo, *ritenuto*.

Fazendo uma breve retrospectiva da vida artística do compositor e regente Francisco Mignone, ressaltamos que a sua primeira ópera, O Contratador de Diamantes, foi inspirada na obra de Afonso Arinos de Melo Franco.

Destacamos que *Congada*, peça orquestral da ópera *O Contratador de Diamantes*, foi, num momento histórico dos idos de 1923, regido pelo maestro e compositor Richard Strauss à frente da Orquestra Filarmônica de Viena, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Com a morte do compositor alemão, o célebre autor da ópera *O Cavaleiro da Rosa*, encerrou-se, nos idos de 1949, o ciclo dos grandes compositores clássicos da música.

A respeito da importância de Strauss na música, o maestro espanhol Rafael Frübeck de Burgos, segundo *Jornal O Globo – Sinfônica de Viena celebra sua tradição*, por Adriana Pavlova – edição: 11/10/2001, declarou que “Strauss foi quem melhor escreveu para a orquestra no século XX”.

A era moderna nos grupos sinfônicos foi inaugurada por Strauss que fez introduzir nas orquestras os instrumentos de trompas, cornos e muitas madeiras [BURGOS, 2001]

A letra da música é de Yde Blumenschein (1882/1963), poetisa paulista, que narra uma estória de uma castelã, enclausurada na torre da ilusão, vivendo a sonhar com um certo herói que, em breve, viria para ela.

A estória da castelã poderia ser a estória de uma cortesã com os mesmos hábitos de aventura amorosa. A cortesã teria a vantagem de conviver na corte e aldeã de rua em rua. A ilusão como ponto em comum entre ambas.

“Viver enclausurada na torre da ilusão, romântica a sonhar” é uma expressão que ultrapassa os limites do castelo onde se encontrava a aldeã e atinge, neste mundo permissivo em que vivemos, a esferas sociais onde a ilusão não tem fronteiras.

Antigamente, os costumes sociais impediam a mulher ficar exposta aos perigos que existem na rua. Hoje, em nome de uma liberdade permissiva que desvirtua os chamados bons costumes, a mulher fica mais propensa a ter uma ilusão do que viver uma vida emocionalmente saudável.

Na busca do amor a qualquer custo, com qualquer pessoa ou situação, sem perceber que existe, no íntimo de cada um de nós, o sentimento norteando o destino, pode ser perigoso para quem entrega a sua vida numa arriscada aventura.

De rua em rua, de bar em bar, de braço em braço, acumulando energias desvirtuadas do amor e permanecendo em lugares pestilenciais onde os tóxicos ou simplesmente a bebida alcóolica é vendida pela noite adentro, traz consequências desastrosas previstas não apenas pelos códigos de ética mas principalmente dentro do mundo íntimo de cada um que está iludido. Daí a necessidade de encontrar-se para achar o amor.

A letra da música faz um alerta as mulheres que se iludem em castelos de ilusões, para ver aquela que andou de rua em rua, derramando as lágrimas de sangue. Na ilusão é muita dor para uma mulher só.

Fazemos parte deste mundo onde sempre nos iludidos, principalmente pelas aparências. Tem musa que fica e tem musa que passa.

28

SAMBA-LE-LÊ

Destinada para coro misto a 4 vozes (solo, contralto, tenor e barítono) a música Samba-Le-Lê, de Francisco Mignone, foi escrita em 1951.

Sem mencionar as repetições da palavra “Samba-le-lê” contidas no início, no meio e no final da canção, a letra da música, é de autoria de Wilson W. Rodrigues (1916/1979), patrono da Cadeira n° 40 da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil.

Nas vozes do canto é apresentado um pedido à baiana para participar do jogo da sedução. Samba-le-lê é a expressão mais cantada por todos os participantes do coro.

O solista começa entoando o nome-título Samba-le-lê, durante 6 vezes e, no ritual do vestir o traje feminino típico da Bahia, faz o pedido à baiana para deixar amarrar a trunfa (turbante), calçar as sandálias e botar o colar. Há um clima de preparação para a dança. No meio e no final da canção: samba-le-lê, samba-le-lê, samba-le-lê, samba-le-lê, samba-le-lê, samba-le-lê.

Seguindo a mesma trajetória, início, meio e fim do canto em que são entoadas as 6 repetições do nome-título Samba-le-lê, contidas nas partes do solista, do tenor e do barítono, o contralto entra em cena fraseando a tessitura: “ó baiana, ó baiana, ó baiana, uê! deixa botar mau olhado, deixa fazer meu feitiço, deixa ser teu bem-querer, até a aurora nascer”.

Dentro do clima de amor, as palavras ganham o colorido que o sentimento reveste, assim um mau olhado pode ser um bom olhado, um feitiço um encantamento porque o personagem da letra quer ser, até o sol raiar, o bem-querer da baiana.

As palavras do tenor invertem o ritual do solista. Há um clima mais íntimo, possivelmente após a dança ou mesmo no meio, em que o desejo sexual é claramente manifestado: “Ó baiana, ó baiana, ó baiana, deixa tirar tua bata, deixa pegar nos teus seios, deixa teu negro sorrir, deixa ao teu lado dormir.”

É uma forte revelação de amor, sem dúvida deve já ter existido por parte da mulher amada uma troca do desejo em gestos femininos que seduzem. Basta um olhar derramado de ternura, um suave meneio de seios, um penteado gracioso, um mexer de mãos nos cabelos compridos, um encolher de ombros, um suspiro, um gesto que oferece os lábios vermelhos, e a conquista se completa.

Dentro da bata os seios ficam ao sabor da respiração que se revela no estado emocional: trêmula como se toda uma fortaleza estivesse prestes a cair, os condicionamentos que fizeram a mulher se reprimir, nesses momentos parecem nulos. O importante é a entrega, o doar-se. Meneios de seios se agitam nos movimentos da ansiedade, como também são sutis quando ela caminha pela rua. O decote da roupa feminina decora sonhos masculinos.

A participação do barítono revela uma declaração de amor revestida do pedido de carinhos não tão íntimo como a do tenor: tirar o turbante, pegar nos pés (hoje uma expressão largamente usada na perseguição amorosa), beijar o colo. Poeticamente, são doces afagos que promovem a ternura e a intimidade maior que está a caminho.

29

SETE LÍRICAS

A música Sete Líricas, de Francisco Mignone foi escrita, em 27 de dezembro de 1966, na cidade do Rio de Janeiro.

O ciclo das Sete Líricas tem um roteiro estabelecendo variações sobre um tema esplendidamente lírico na música e intensamente rico na expressão poética de Oneyda Alvarenga (1911/1984), membro da Academia Brasileira de Música, que faz par, com Francisco Mignone, na autoria do referido ciclo.

Na primeira lírica, a letra expõe sentimentos de amor da mulher que revela o seu desejo de cair na vida dele como um pingo de chuva numa flor e ser um vago perfume de rosas que entra por uma janela escancarada.

Ela percebeu o interesse de seu amado pelo perfume dela, embriagando-o. O recato feminino faz com que ela o sugere algo diferente em seu coração: “antes fechasses a janela e esquecesses o rosal em florescência...” A música tem o movimento muito calmo, porém *molto*.

Na segunda e terceira líricas, ela o esperou na hora silenciosa, estendendo-lhe os braços, sentindo a leveza em sua boca, entreaberta para o beijo que a distância lhe rouba, e percebe a ternura que está criando num momento de solidão. Ela quisera ter o voo da andorinha e se imagina voando para alcançar o céu, a mocidade, a vida! Na música o movimento *andantino*, com lassidão.

Na quarta e quinta líricas, ela sentiu, no voo imaginário, o vento arrepiando volúpias pelos ares, braços que a enlaçam sem beijos que a beijassem, são amores dos sentidos que a alma ainda não sente em profundidade, falta-lhe o calor como no coração das andorinhas cortando as nuvens. Os movimentos da música: um pouco solene (quarta) e *allegro* vertiginoso (quinta).

Surge a sexta lírica. Passa o tempo, passam as desilusões, os amores desfeitos, o vento foi rasgado. Ela, queimada pelo sol – experiências acumuladas de amores vividos e sonhados –, corre impelida pelo novo ritmo que sente, harmonia de seus vinte anos revestindo-lhe o ser, correndo até cair sob a luz do sol e do perfume que a faz sentir mais doce e terna. O movimento musical é agitado e com grande entusiasmo.

No último ciclo das Sete Líricas, o pensamento da mulher amada voa a esferas sublimadas pelo amor e vê as paisagens em seu ser mais profundo serem transformadas em recantos paradisíacos, onde o amor tem uma conotação de grandeza mais elevada que as aspirações humanas que ainda estão na 3ª dimensão dissociada. O movimento da sétima lírica é tranquilamente, pianíssimo, e *molto legato*.

Agora, não mais existe a solidão, a espera, cheia de ternura, por seu amado. O sentido que ora vigora e revigora, nesta hora, é o da unidade, conjugada ao novo ritmo do mundo. Ela sente vontade de abraçar homens e coisas num mesmo abraço irmão!

30

CÂNTICOS SERRANOS N° 2

Os Cânticos Serranos N° 2, de Guerra Peixe, foram escritos em 24 de março de 1976, e iniciam-se no movimento andante forte e terminam *poco affretando e ritardando*.

A letra da música traz os versos do poeta Raul de Leoni (1895/1926) que revela um encontro casual mergulhado na inocência, transformando a intimidade em saudações de simples cortesia. Ao finalizar a poesia, ele descreve:

“Nunca mais nos falamos... vai distante...
Mas, quando a vejo, há sempre um vago instante
Em que seu mudo olhar no meu repousa.”

“E eu sinto, sem no entanto compreendê-la
Que ela tenta dizer-me qualquer coisa,
Mas que é tarde demais para dizê-la...”

Na sabedoria do silêncio, Jesus calou-se diante de Pilatos e Raul de Leoni, o poeta da emoção filosófica, faz calar fundo quem busca a verdade:

“Não sofras mais à espera das auroras
Da suprema verdade a aparecer:
A verdade das cousas é o prazer
Que elas nos possam dar à flor das horas...”

Essa outra que desejas, se ela existe,
Deve ser mais fria e quase triste,
Sem a graça encantada da incerteza...

Vê que a Vida, afinal – sombras, vaidades –
É bela, é louca e bela, e que a beleza
É a mais generosa das verdades...” (5)

Mesmo dentro do teor filosófico, há, a nosso ver, uma pequenina opacidade na poesia de Raul de Leoni marcada apenas por uma palavra: incerteza que, se fosse substituída por inocência, perderia a rima com a palavra beleza, mas ganharia um sentido mais transparente, característica marcante do grande poeta petropolitano.

(5) RAUL DE LEONI (*in* Luz Mediterrânea, p. 106)

Os Cânticos Serranos têm uma letra que retrata uma situação muito comum no relacionamento de pessoas, principalmente àquelas que têm um convívio no trabalho ou nos ambientes sociais onde buscam a recreação e o lazer.

Cumprimentar as pessoas é um gesto de cortesia e envolve sentimentos que podem despertar algo mais que uma palavra de saudação ou de elogio.

No passado não muito distante, o poeta tinha um clima favorável para declamar palavras de amor a gentis donzelas ou às senhoras casadas, estimulando-as a prática das virtudes cristãs ou à apreciação da beleza inefável da Natureza. A mulher é sempre a musa que inspira os mais belos sonhos de amor.

A comunicação no passado era mais retraída e estava subordinada a condicionamentos sociais que impediam uma aproximação mais à vontade onde os desejos pudessem ser manifestados. Hoje, com maior rapidez, o telefone e a *internet* propiciam oportunidades de aproximação muito maior do que naqueles tempos de outrora, onde o amor era uma manifestação acanhada e inocente.

E assim o tempo corre... ou, melhor dizendo, aproveitando as palavras do poeta “E a vida foi andando para frente...” Sem a comunicação desejada, há algo novo para ser completado. Um olhar que ficou pairando no ar e guardado no coração, uma palavra que veio numa linguagem que precisa, como capítulo de novela, de uma continuação e de um final feliz.

31

E QUANDO O AMOR CHEGAR

Com sugestão impressionista no compasso 4/4, finalizando em pianíssimo, a música E Quando o Amor Chegar, de Guerra Peixe, composta em 06 de abril de 1979, foi destinada para canto e piano.

A letra é de autoria de Sônia Maria Vieira que nos revela a sincronia de um ao outro, navegando amplamente sem medo, descobrindo “recônditas grutas onde guardas teus mais íntimos tesouros e lá semear meu eu, com toda a doçura de que sou capaz.”

A poesia de Sônia Maria Vieira, que a música revela, tem o mesmo sentido lancetado por aventuras no Canto de Sereia, de Raquel Naveira, professora de Literatura Latina na Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-MS (*in* Casa de Tecla – poemas – 1998 – Escrituras Editora – São Paulo – SP. Em maio/1999, a autora dedicou-nos um exemplar autografado e os dizeres “com muita honra estas teclas”):

“Vem, meu bravo,
Venceste Troia
Com tua astúcia,
Descansa em minha ilha,
Entre penhascos negros
E precipícios de espumas.”

Navegar, amplamente, a velas pandas, através do corpo da pessoa amada de que nos fala a canção, é criar fantasias que podem estimular um relacionamento ou mergulhar no abismo se o amor não for correspondido. Aliás, é no relacionamento íntimo que é decidido o destino de uma vida a dois.

Descobrir recônditas grutas, significa ter acesso ao segredo que faz revelar toda a alma feminina guardada, por mil chaves secretas, e aberta ao amor, que vibra flamejante, revelado em múltiplos aspectos, pelo destino.

Um dos acessos ao recôndito segredo feminino é revelado na hora íntima do beijo, quando a mulher entrega no olhar o encantamento que denota suas origens no passado espiritual em que sua alma está mergulhada. Encantos surgem em profusão, o próprio olhar tem a luz da energia das atividades que o amor estimula.

32

INTERIOR

Muito tranquilo, suave, medianamente forte, a tempo e pianíssimo são os principais movimentos da música Interior destinada para canto e piano, de autoria de Helza Camêu (1903/1995), escrita em 1968, com a letra de Onestaldo de Pennafort.

A compositora distinguida, em 1936, com o 2º lugar no concurso para quarteto de cordas promovido pelo Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, e, com a apresentação do poema sinfônico Suplício de Felipe dos Santos, alcançou o 1º lugar no concurso realizado, nos idos de 1944, pela Orquestra Sinfônica Brasileira.

Helza Camêu, compositora de obras românticas, escreveu músicas de câmara, instrumental e vocal, entre as quais, destacamos: Amar, p/canto e piano, 1942; Ao mar, opus 8, p/canto e piano, 1941; Eterna incógnita, p/canto e piano, 1928, Silêncio p/ canto e piano, 1934, sendo que o original da partitura da música Interior, dedicada ao poeta Onestaldo Pennafort, faz parte do acervo da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil.

O início da letra da música Interior é uma entrega de presente:

“Eu te trago, ainda frescas e orvalhadas da noite e do silêncio das estradas ermas, por onde vim com o pensamento cheio de ti e de arrependimento, estas flores silvestres...”

Melhor do que mandar flores, é entregá-las à mulher amada, principalmente quando estão frescas e orvalhadas pela noite e pelo silêncio das estradas ermas por onde o poeta passou.

Há todo um ritual, uma cerimônia, o colher as flores silvestres, envolvendo-as com pensamentos de amor, que serão tocadas pelas mãos da mulher amada, guardadas febril e ansiosamente, por ele, nos sonhos de espera e de arrependimento, revestidos de ternura.

Hoje, em dia, temos o uso do cartão no envio de flores à pessoa amada. Mas, no passado ainda não distante, o remetente confiava mais no clima de amor manifestado: eram pensamentos que falavam, sem palavras, como bocas entreabertas à espera do beijo, no perfume forte das flores que a sua amada iria aspirar.

As flores iriam lembrar a noite harmoniosa que cobriu, com o manto das estrelas, o esquecimento e fez surgir o silêncio e as horas interiores que falam de ternura.

A esperança cresce quando o poeta pensa que ela, ao aspirar as flores, irá ouvir um farfalhar de folhas, um zumbido de asas, uma sensação gostosa de água fresca e um olhar suave que perdoa. Era, sem dúvida, um momento de reconciliação, tão difícil nos momentos atuais.

33

SOB O CÉU TÃO AZUL

Destinada para canto, flauta e piano, Sob o céu tão azul, trazendo o subtítulo N° 1 De Interior de Onestaldo de Pennafort, é de autoria de Helza Camêu que a escreveu em outubro de 1975. A música é suave. O original da partitura pertence ao acervo do patrono Onestaldo de Pennafort (Cadeira n° 56 da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil).

A letra é de Onestaldo de Pennafort. Os primeiros versos são mergulhos nos sonhos, quando dormimos:

“Sob o céu tão azul que se espiritualiza,
o jardim vai fechar as pétalas das rosas
como alguém que cerra as pálpebras medrosas
para ver o que só no sonho se divisa.

A evolução anímica percebida pelos místicos, religiosos ou não, pelos compositores e poetas, está em todo o reino da criação divina. A “alma das cousas”, anunciada no clima simbolista e parnasiano, traduz um código ainda não totalmente decifrável. Para simplificar o mistério, o ensino fundamental das escolas determina conceitos simples como a sensibilidade que têm as plantas e os animais.

O poeta da canção, ao anunciar que o jardim vai fechar as pétalas de rosas, sob um céu tão azul que se espiritualiza, menciona a condição favorável para acontecer os sonhos bons. Desde os tempos bíblicos, o rei Salomão já revelava que na noite existem setas que voam. Na linguagem de hoje, essas setas são pensamentos da alma, tanto da esfera física quanto da espiritualidade.

A letra da canção tem imagens fluídicas (“nascem apenas do ar”) e musicais (“arabescos de sons de flauta, pela brisa...”) que nos estimulam a passar para o íntimo as impressões salutares que serão mantidas em nosso adormecer, com estímulo para serem reproduzidas pelo sonho, no processo ação e ressonância. Em nosso estado de vigília ou de sono, o pensamento cria o destino.

A expressão popular “consultar o travesseiro” não está errada. É claro que o travesseiro não pode dar conselhos, mas a nossa cabeça, que nele se apoia, recebe, quando estamos dormindo, as impressões salutares de nosso viver,

em forma de sonhos ou de imagens ideoplásticas ou ainda de símbolos que exprimem mensagens.

A tradição religiosa, contida em todos os credos e entidades fraternais em geral, estimula a prece, como recurso indispensável para sentirmos a paz, o conforto espiritual, a leveza de sentimentos. Esses momentos de inefável beleza é o nosso encontro com nós mesmos e com o sagrado, o que nos torna santificados ou purificados.

Se o jardim de rosas está sob um céu tão azul, este mesmo céu está dentro de nós, sempre quando o buscamos com amor, dentro de uma atitude contemplativa ou meditativa, ou mesmo sonhadora.

34

ABRIL, SURPRESAS MIL?

No programa da música Abril, Surpresas Mil?, de Henrique de Curitiba Morozowicz, escrita em 1982 e dedicada ao Maestro Othonio Benvenuto e ao Coral da Universidade de Londrina, tem uma observação assinada pelo autor:

“No trecho dos “casuísmos” a linha do tenor desce a uma região muito grave; se houver problemas, toda a peça pode ser executada $\frac{1}{2}$ tom acima, ou quem sabe, reforçar a linha do tenor com alguns contraltos.”

Irmão do regente Northon Morozowicz, o compositor Henrique de Curitiba (1934/2008) teve formação musical pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná e aperfeiçoamento na Escola Livre de Música de São Paulo, com a orientação de H. J. Koellreuter (Teoria e Composição) e Henry Jolles (Piano). O compositor obteve Mestrado em Composição no Ithaca College, New York, USA.

Henrique de Curitiba distinguiu-se em festivais internacionais de música no estado natal e em bienais de música do Rio de Janeiro e em diversos eventos em outros estados da Federação.

Expressando humor e ironia, a letra da música é de autoria do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, traduzida pelo compositor em sons com bastante colorido e muito vivo. Na interpretação musical a dinâmica e articulações são variadas.

Dentro da estrutura poética, todos os versos da letra da música terminam em “il” e apresenta-nos verbetes inusitados, como “aguazil” (meirinho), “gomil” (jarro de boca estreito). O início da letra é o seguinte:

“Abril, surpresas mil
ou simples ardil?”

Ameaçado em sua estabilidade emocional, o poeta se dirige ao mês de abril, lhe faz pergunta e expõe receios que podem ocorrer, nessa época do ano, no convívio social, talvez influenciado pela ideia que ficou incrustada no inconsciente coletivo: “primeiro de abril, dia da mentira.”

Diante da ameaça de infortúnios que o mês pode trazer, a poesia é uma autodefesa contra os infortúnios que abril pode trazer: casuísmos, suspeita vil, ameaças com o meirinho, sapos escondidos no jarro e outras hostilidades.

O poeta da canção despede-se com um til nem espera o mês de abril passar, foge correndo a mil, velocidade de avião, em busca de nuvens e da aproximação das estrelas, onde ele colocou o pensamento.

35

EM TEMPO DE TERRA E DE BOI

Escrita nos idos de 1978, a música Em Tempo de Terra e de Boi, para coro a capela, de Henrique (de Curitiba) Morozowicz (1934/2008) apresenta a poesia que tem o título original de Boi Tempo, de Carlos Drummond de Andrade.

As imagens poéticas no entardecer da fazenda, que o poeta mineiro nos revela, têm cenas de comovente beleza: “a sombra vem nos cascos, no mugido da vaca separada da cria”. A luz do entardecer cria sombras e os chifres do gado marcam o limite de cada rês num sono paliativo.

Seguindo a poesia, tudo está envolvido no azul do dia que revela o pasto do gado, o amanhecer completa as imagens do campo, e a luz chega no leite morno tirado das tetas das vacas.

Comissionada pelo Instituto Nacional de Música da Fundação Nacional de Arte, a partitura da música foi editada, em 1982, pela FUNARTE e traz um programa: “A atmosfera da peça, seguindo emocionalmente o poema de Drummond, é, ao mesmo tempo, intimista e algo impressionista.”

Os autores nacionalistas encontram uma atmosfera da música regional ou nacional (popular) e a transmite no clima erudito, como fez o compositor Edino Krieger que incluiu sons de escola de samba de São Paulo na sinfonia Terra Brasilis, para celebrar a passagem de 500 anos da descoberta do Brasil.

O compositor paranaense, que traz o nome da cidade onde nasceu, privilégio singular, tem dado ao seu estado natal as honras de um premiado vencedor no campo da música clássica por seus feitos na composição e na interpretação de piano.

Seguindo o estilo nacionalista, Henrique de Curitiba traduz perfeitamente o “gênero caipira” para a linguagem erudita, sem seguir o modelo paulista, é um nacionalismo que pode ser encontrado no interior dos Estados, refletindo coisas do campo e da alma cabocla brasileira.

Revelando beleza impressionista, a música lembrando o interior paulista e a letra estendendo a paisagem mineira, marca, mais uma vez, a presença de Henrique de Curitiba, como grande compositor nacionalista de reconhecido mérito nacional e internacional.

36

SONHEMOS

Destinada para canto e piano, a música *Sonhemos* foi escrita pela compositora Henriqueta Rosa Fernandes Braga (1909/1983), musicista, maestrina, professora da Escola de Música da UFRJ, nos idos de 1930 a 1970, membro da Academia Nacional de Música.

A aura musical da compositora que iluminou, durante 4 décadas, o caminho de gerações de jovens estudantes e artistas, na canção *Sonhemos*, estende uma luz sonora no movimento *Andante con espressione*. O do final é forte como forte é a mensagem da letra que o acompanha.

A letra de *Sonhemos*, que ganha a forma de um belíssimo soneto, é de autoria do escritor maranhense Humberto de Campos (1886/1934), imortal da Academia Brasileira de Letras.

Imensamente rica de ensinamentos que norteiam o caminho de quem passa nesta vida carregando dores e sofrimentos, a letra da canção é uma bússola.

Usando uma linguagem comparativa de parábolas, Humberto de Campos apresenta-nos um lago quieto que é despertado por uma pedra nele lançada. A água se abre num súbito receio, e ferida, arrepia-se como uma pessoa que sente o sofrimento invadir-lhe a alma.

Quando a pedra afunda, um círculo se espalha em suaves ondulações em direção da beirada e, por tanto se abrir, a água do lago volta a ficar sossegada. Imagens ideoplásticas que servem como exemplo de catarse, terapia que faz colocar para fora o que no íntimo afoga.

Diante da dor e do sofrimento que se reflete no rosto de pedra, como a da esfinge no deserto, o poeta maranhense indica, aos que sofrem, o caminho para sair do sofrimento. Basta abrir o círculo dos sonhos que todos têm.

Os sonhos são importantes: tanto aqueles que vêm da noite em que adormecemos como aqueles que vivemos de olhos abertos, misturando-se à realidade tangível dos sentidos. Em ambos há avisos que nos indicam o caminho do nosso destino que criamos, no roteiro que já existe, a cada instante da vida.

Abrir os círculos do sonho é o mesmo que vivermos o que se passa em nossa alma, em nosso ser mais profundo, onde a sabedoria deslinda os enigmas que defrontamos nos caminhos por onde passamos ou ficamos detidos em circunstâncias que revelam um estado emocional que nos eleva a um grau de consciência superior.

37

TROVAS – 1, 2 e 3

No dia 8 de abril de 1957, na cidade do Recife, o Pe. Jaime Cavalcanti Diniz (1924/1989), compositor, regente, musicólogo, escreveu a música Trovas nº 1, 2 e 3, inspirado nas trovas de Ademar Tavares. O compositor foi fundador e regente do Coro Guararapes e membro efetivo da Academia Brasileira de Música.

Sem a repetição do primeiro verso constante em cada trova, iremos tentar interpretar o pensamento do poeta pernambucano, Ademar Tavares, o jurista que advogou para o Banco do Brasil e, posteriormente, presidiu o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Letras, passando por três instituições que engrandecem, ao longo do tempo, a sociedade brasileira.

Assim como o rio corre em direção do mar, a mesma substância de que é feito, o nosso destino segue em direção da mesma matéria de que somos feitos, a essência divina que está em tudo e em todos e se espalha pelo infinito.

No nosso caminhar, ainda não sabemos onde vai parar o nosso destino porque as possibilidades de realizações são imensas e ainda não dispomos de todas as informações que formam a vida, imensamente rica de recursos colocados à nossa disposição para que algo grandioso resplandeça, num processo crescendo e transformação constante, alquimia que desafia os próprios alquimistas. Converter desencantos em encantos é o ponto central desse segredo.

Na segunda trova há um recado e uma resposta: “dizer adeus nada custa, alguém mandou me dizer, mas quem diz que nada custa, queira bem e vai dizer.”

É muito comum as pessoas, menos conscientes da realidade da vida, opinar sobre problemas pessoais de terceiros como se fosse fácil dar uma solução. Dizer a alguém dar adeus a quem alguém conhece, e quem diz não conhece, é entrar no escuro e indicar caminho. É uma ingenuidade que pode cair em leviandade.

O conselho só seria válido, após ouvir as razões de quem está passando o problema. Nesse caso, toda sugestão que torna mais claro a realidade é válida e digna de apreciação, deixando o caminho livre a quem compete dizer adeus ou permanecer na situação que pode trazer mensagem de vida.

A terceira estrofe finaliza: “a morte não é tristeza, é fim, é destinação. Tristeza, tristeza é ficar vivendo depois que os sonhos se vão.”

38

A ESTRADA DO SERTÃO

Em andamento dolente no compasso 2/4, nas claves de sol e de fá, a música A Estrada do Sertão, é de autoria de João Pernambuco (João Teixeira Guimarães – 1883/1947), o célebre autor do Luar do sertão, com letra do poeta Catulo da Paixão Cearense, gravado pelo cantor Vicente Celestino.

A Estrada do Sertão foi escrita, nos idos de 1946, na poesia de Wilson W. Rodrigues. Ao ensejo da solenidade presidida pelo escritor Fernando Pinheiro, em homenagem ao letrista, realizada, em 24/09/1997, na Casa França-Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, o poeta catarinense Solange Rech fez citações de autores consagrados. Vale assinalar:

“E, finalmente, consignamos as referências elogiosas de Guilherme de Almeida, o príncipe dos poetas brasileiros: “tudo está tão vivo nos versos sentidos do livrinho, e tão musical que a gente, quando lê aquelas linhas dançantes, tem a impressão de que aquilo é letra para música.”

O estribilho da canção repete os versos do poeta baiano: “há sempre alguém esperando nas estradas do sertão... Quanta alegria nos que vêm e saudades dos que vão...”

Fora da partitura, os versos do poeta compara a estrada à saudade e recrudescer a intensidade do amor no reencontro dos amores, quando mais distante, fica muito mais amante. Na saudade não há tristeza por causa da certeza da volta, numa noite de luar, de quem caminha pela estrada conduzindo tropa e boiada [RODRIGUES, 1946].

A música ressalta os sentimentos dos amores que ficam aguardando a chegada dos entes amados e, ao mesmo tempo, revela a saudade daqueles que estão viajando.

A saudade é manifestação de amor. A certeza do regresso da pessoa amada elimina a tristeza. Aliás, num nível de consciência superior, onde a nossa mente se expande, não existe a separação. O amor tem esse dom: eliminar a distância. O pensamento é tudo, a revelação de nossa alma.

Quando a Terra ascender a um grau de evolução superior ao estágio atual em que se encontra, não haverá mais confinamento, pois a inspiração daqueles que vieram ao mundo, somente para servir, fará a conexão com a espiritualidade superior espalhada nos mundos felizes.

39

FOLHAS SOLTAS

A música Folhas Soltas, de José Siqueira, compositor e regente (1907/1985), é uma suave melodia. A letra é de autoria da poetisa Lúcia Aizim que estende uma atmosfera de sonhos mais ligada a esferas onde a luz resplandece intensamente do que nossos desejos pessoais que buscam se alinhar com esses sonhos.

“Leves auroras se instalam nas moradas sem porta”, inspiram-nos a ideia de luz surgindo no caminho de quem não colocou obstáculos à frente. É a entrega, o doar-se à luz que se interioriza em seu ser mais profundo. O símbolo da aurora é o símbolo da iluminação interior, roteiro indispensável a todos que estão conhecendo um mundo de paz profunda.

“Os caminhos se tornam prodigiosos, próximos”, revela uma situação confortadora para nós que estamos na lida na realização dos ideais sublimes. Não é apenas um mundo melhor que aspiramos, mas uma participação ativa e atuante que este mesmo mundo pode oferecer-nos e a todos aqueles que convivemos, de maneira mais próxima ou afastada fisicamente.

Os prodígios surgem à medida que tomamos conhecimento dessa realidade que vem de fontes límpidas, onde colocamos o nosso pensamento, a nossa alma, a nossa vida. A atração é irresistível e a ligação se faz presente através do mecanismo causa-efeito, ou mais precisamente, ação e ressonância para cobrir de nova roupagem esse antigo mecanismo.

Pensamos em beleza e a beleza surge. É um privilégio destinado a todos que se ligam à própria beleza que está em todas as partes da Natureza, principalmente a do reino espiritual. Quantos recursos imateriais surgem diante da alegria, da satisfação de viver um sonho que é realidade! Pessoas que pensam e vibram neste mesmo diapasão vêm-nos ao encontro para somarmos valores imarcescíveis.

Todo esse enlevo espiritual se reflete na parte material que torna acessíveis os sonhos de consumo pessoal e coletivo. O dinheiro, fonte de riqueza, surge, ampliando cada vez mais as nossas possibilidades de realização de nossos ideais. A ideia da beleza material ou transcendente, por nós escrita ou falada, é passada através de comunicação que se interliga a inúmeras pessoas, crescendo o nosso círculo de amizades.

“Nada se curvou aos nossos desejos, mas é preciso inaugurar estrelas” são palavras que denotam a dualidade das pessoas: humana e divina. Na parte humana, nada se curvou aos desejos pessoais, porque a vida é fluxo de energias que corre em direção de seus objetivos e nada impede esse fluxo. É a voz do destino que fala mais alto.

No segmento divino há uma agenda superior a todos os compromissos humanos, acima mesmo das mais elevadas autoridades nacionais e internacionais: inaugurar estrelas. Esse estágio evolutivo é mais pertinente aos seres iluminados, anjos, seres humanos que evoluíram dentro das escalas ascensionais da criação divina. Um dia, no decorrer dos milênios, este privilégio será estendido a todos que estão, a duras provas, seguindo o caminho da luz.

Já existem mesmo aqui no planeta multidões de pessoas que já fazem viagens astrais a planetas onde um dia, em corpos sutis, irão desempenhar missões que contribuirão para a evolução nesses mundos de beleza imperecível.

Diante da instabilidade que passa a vida planetária, tudo muda, num processo que evolui, é natural sentir-se frágil, mas a fragilidade desaparece quando há a ligação com os planos superiores de consciência, onde a luz é perene.

Nessa firmeza, a música finaliza: “colho canções onde não há”. As canções colhidas é o fruto de tudo quanto semeamos no coração de todos aqueles que o destino colocou em nosso caminho e que voltam cantando canções que são mais delas do que nossas.

40

A VIDA

Destinada para canto e piano, a música A Vida é de autoria do compositor, pianista e folclorista Luciano Gallet (1893/1931). A letra traz os versos do poeta Ronald de Carvalho.

No movimento *Andantino* da música, surge o canto entoando a palavra “Esperei-te”, depois se sucede em *meno piano* (menos suave), suave e pianíssimo. O *Animato* antecede à palavra “Veio” e se estende em pianíssimo, etc. O *Calmo* antecede ao texto da poesia:

“No amor que floresceu... no olhar de quem caminha

Há folhas outonais e horizontes de poeira...
E tudo acaba... e em tudo a mesma glória triste
De uma ascensão falhada... e de um caminho incerto...”

A plenitude só existe nos planos onde o sonho vive. No terreno da ação humana sempre há lacunas a serem preenchidas. Mesmo na vitória, sentimos que algo veio com falha porque as circunstâncias não eram por nós conhecidas completamente e ainda não acompanhamos, por completo, os acontecimentos que nos dizem respeito.

Se tivéssemos a sabedoria de tudo que existe ao nosso redor, veríamos que não há falha no infortúnio ou na surpresa do sucesso, mas a autenticidade daquilo que permanece em processo de evolução. A lacuna hoje será o preenchimento de amanhã. Se o futuro está se concretizando hoje e não o acompanhamos, a tendência é permanecermos ligados ainda à lacuna que, no nível de consciência plena, já não existe mais.

O verso do poeta “Quando a estrada é mais longa a sonhamos mais perto” é a manifestação clara da esperança, independente da extensão do caminho que iremos percorrer. Há uma sutileza entre o esperar e a esperança. O esperar, sem ter a certeza do que virá, é um ato mais emocional do que inteligente. A virtude está na esperança, plena de certeza, por tudo que sonhamos ter ao nosso alcance.

Esse argumento, tão explicitamente manifestado, vem revestido nos versos da canção que se immortaliza não apenas no sentido de música, mas por ter uma letra que transcende aos conceitos transitórios.

41

MADRUGADA NO CAMPO

Escrita nos idos de 1948, a música Madrugada no Campo, é de autoria do compositor, violinista e musicólogo Luiz Cosme (1908/1965), conhecido autor de Salamanca do Jirau, bailado inspirado no folclore gaúcho que foi apresentado ao público, em outubro de 1936, pelo maestro Heitor Villa-Lobos, à frente da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. No ano seguinte, foi executado pela Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, sob a regência do maestro Francisco Mignone.

A letra da Madrugada no Campo consta do livro *Mar Absoluto e outros poemas*, de Cecília Meireles (1901/1964) que emprega imagens sutis, quase etéreas, reveladas no amanhecer no campo. As palavras “doçura”, “arrozal” e “cristal” estão presentes em todas as estrofes da poesia.

Nos primeiros versos, a doçura vem da brisa que penteia a verde seda fina do arrozal. Há uma vantagem maior da brisa na comparação velada dos cílios, plumas, lume de lânguida lua e suspiro do cristal.

A poetisa enaltece a doçura da brisa diante de adornos que realçam a beleza feminina: cílios, plumas e tirou da natureza outros encantos, o lume lânguido que se derrama do luar, criando clima de idílios amorosos, e o suspiro da água cristalina gotejando que dá uma sensação de paz.

A exaltação da doçura está presente na transparente aurora que tece na fina seda do arrozal aéreos desenhos de orvalho. A comparação atinge a sutilezas que revelam a beleza que vem da lágrima e seus mistérios recônditos, como também estende no céu, no mesmo lugar onde a aurora surge, um arco-íris que revela cores em forma de cristal.

Associadas umas as outras, num mesmo diapasão de beleza, as imagens ideoplásticas, que a poesia de Cecília Meireles revela e a que a música canta, em movimento andantino, têm o encantamento da hora do amanhecer no campo. Os sentimentos poéticos e românticos têm afinidade com a vibração que emana dos fenômenos da natureza.

A poetisa destaca a joia que adorna o corpo feminino, principalmente o colo: a pérola. Quantos romances de amor tiveram início com o presente de colar de pérolas à mulher amada! Mesmo assim, ficou em segundo plano ao apreciar o amanhecer.

A doçura, supremacia que se destaca diante de tantos encantos e adornos femininos, revelada pela poetisa, ganha voo em direção das borboletas brancas prendendo os fios verdes do arrozal com leves laços. A imagem agora é completamente etérea, perceptível mais pelos olhos d'alma.

A beleza oriunda dos leves laços de fios verdes, que as borboletas-fiandeiras tecem, encontra uma comparação menos apreciada nos dedos da mulher, nas pétalas de rosa, e no frio aroma de anis em cristais.

As mãos da mulher amada que afaga, abençoa e dá adeus, vêm revestidas de carinho, bondade, ternura e meiguice que encantam. Estar de mãos dadas é receber toda essa energia que dulcifica o nosso viver. Será que a doçura do amanhecer, revelada pela poetisa, tem maior requinte e beleza?

Nos últimos versos da canção, Cecília Meireles valoriza a transcendência. Há doçura no pássaro imprevisto que tomba no verde arrozal. Unindo o que antes estava sutilmente separado, o elogio tem excelssitude diante da vida que transmuta a outras formas mais sutis:

- “Caído céu, flor azul, estrela última:
súbito sussurro e eco de cristal.”

42

ROMANCE - Opus 6

A música Romance – Opus 6, da compositora Najla Jabôr, inicia-se *largamente* e em *andante animato*. A letra é do poeta J. G. de Araújo Jorge (1914/1987). Os primeiros versos do soneto apresentam um convite:

"Há na expressão do céu um mágico esplendor { *bis*
e em êxtase sensual a terra está vencida... { *bis*
deixa enlaçar-te toda, a sombra nos convida,
e a noite como esta é feita para o amor..."

Najla Jabôr Maia de Carvalho (1915/2001) destacou-se na música como a primeira mulher a escrever, no Brasil, um concerto para piano e orquestra. Tivemos a notícia de que esse concerto teve a estreia, nos idos de 1972, na cidade do Recife – PE.

À noite, no Mirante do Pasmado, em Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, os casais de namorados avistam a cidade encoberta de segredos de alcova que ninguém consegue saber. A brisa, que perpassa pelo arvoredado, traz um cheiro do verde da vegetação que se debruça morro abaixo, misturando-se com o perfume de mulher.

Sonhos são revelados em ternura que parecem não existir; carinhos viajam nos beijos, abraços e olhares, guardados por um tempo sem conta, e mergulham enfeitiçados num doce encantamento, imitando as estrelas viajando por caminhos que se perdem pela noite adentro.

Às vezes, um só fato toma conta do universo. A ressonância alcança os mais longínquos recantos do planeta, despertando, dentro dos rumores de guerra, até mesmo aqueles que não desejam ver: “a Terra está vencida”. A hidra está solta, a águia americana voa sobre o deserto, estendendo seus domínios.

Mesmo em tempo de guerra, os amores se afastam, numa despedida silenciosa, crendo mais na vida do que na morte. Tudo parece ser sem sentido. A viagem, o desconforto de um adeus, sem a certeza do retorno aos seus lares e a contradição de tudo que aprenderam a construir numa vida pacífica, agora parece estar sendo desvanecido pelos ares.

A vida continua... dias de luta sempre existiram. Construir e destruir não podem ter a mesma finalidade, embora a reconstrução seja feita nas mesmas bases em que a destruição deixou resquícios. No ser humano, é a mesma coisa: os traumas comprovam o passado danificado, vivendo um processo de reabilitação das forças que entraram em atrito com o equilíbrio que move as estrelas e envolve o homem numa redoma quase imperceptível.

Os amores, ligados a essa vibração que vem das estrelas, sentem que a noite é propícia para amar. As vibrações da luta pela sobrevivência são momentaneamente abafadas num olhar doce, num sorriso terno e num pensamento que demonstra o amor presente. O mágico esplendor do céu é muito maior do que tudo aquilo que pode atemorizar nossos dias.

Procurar a noite nos cabelos da mulher amada é muito melhor do que procurá-la nos acontecimentos que trazem luto, destruição e pavor. Até certo ponto, precisamos saber de notícias que abalam a tranquilidade dos povos, a fim de que possamos fazer uma singela mentalização de amor que, acreditamos, não será perdida.

Se a sombra se estende lá fora, um pouco mais adiante haverá claridade; nossos passos serão sempre em busca de um lugar seguro onde possamos viver contribuindo para que esta felicidade, que buscamos, seja a mesma daqueles que passam por atrocidades inenarráveis. O importante é acreditar, o resultado virá a caminho. O destino do mundo é um romance. O que hoje é sombra, amanhã será luz.

43

MURMÚRIO

Destinada para canto e piano, a música Murmúrio, de Osvaldo Lacerda (1927/2011), composta em 1965, traz os versos da poetisa Cecília Meireles, sendo que nas duas primeiras estrofes a música é expressa no movimento lento, suavíssimo e, na última é *poco animando*. A letra da canção possui três pedidos.

Pedir é sempre uma forma de buscar algo que nos falta, a começar por pedir a Deus o que pensamos ser bom. A vida sempre nos dá aquilo de que necessitamos, mesmo que seja em forma diferente do que pensamos. A sabedoria está em compreendê-la.

Pedir é sempre uma forma de buscar algo que nos falta, a começar por pedir a Deus o que pensamos ser bom. A vida sempre nos dá aquilo de que necessitamos, mesmo que seja em forma diferente do que pensamos. A sabedoria está em compreendê-la.

Esse cuidado teve a poetisa em situar seu pedido entre algo mais denso e profundo e a condição que surge quando há acontecimentos que nos interligam. Quem não se beneficia da sombra quando está passando embaixo de árvore situada em frente da casa alheia? Ou, na escuridão, da luz quando alguém acende uma vela?

Na segunda estrofe, a letra da música menciona a alvura que vem dos luares e que a noite sustenta no coração da pessoa amada. Um pouco apenas é o pedido para ficar perto... um instante apenas, o suficiente para sentir a alvura dos luares. Não há expectativa de um sonho de uma vida no mesmo destino.

A mensagem da poesia, que a música encerra, é revelar sentimentos que há muito tempo foram esquecidos e que ainda podem ressurgir, bastando apenas um impulso, um respirar do aroma que sentimos no passado. Quem não gostaria de aspirar o perfume da flor que há muito tempo não a vê?

A poetisa sente o amor, em sua plena forma, estende um olhar em direção da pessoa amada e a revela, em silêncio, o que é amar. O que já sente, não precisa mais sentir: alegria, ilusão, esperança, sonho.

Quantos amores que nos deixaram uma réstia de luar, um pouco de calor do pôr-do-sol que se despede numa paisagem paradisíaca, estão agora caminhando em outro

destino e tão perto de nós pelo sentimento em comum que temos? O perto e o longe é questão de sentir. O perto pode estar longe e o longe pode estar perto.

No clima do enlevo dos amores, sentir o que já se sentiu e não sente mais, e buscar sentir outra vez, é colocar o coração à flor da pele, sujeita à queimadura de sol, se houver mudança das condições anteriores, ou à placidez do luar se o enlevo do que foi antes persistir.

No dilema de amar o que se perdeu e amar o que precisa apenas de um aroma para ser lembrado, recordando Carlos Drummond de Andrade (“amar o perdido, deixa confuso este coração”), pensamos na espontaneidade que vem da ternura dos amores que não precisam buscar nem fugir.

A letra da canção é um ponto de ligação do aroma perdido, saudade da flor e de um pouco de lembrança que é pedida para ser mais lembrada. Tudo é questão de sentimentos, de coração, de alma, como se expressaram Cecília Meireles e Osvaldo Lacerda.

44

POR QUÊ?

Escrita para canto e piano, em 24 de setembro de 1988, na cidade de São Paulo, a música Por Quê? de Osvaldo Lacerda, inicia-se em movimento *crescendo poco a poco*, *diminuendo poco a poco*, menos movido, ainda um pouco menos triste, e finaliza em *pianíssimo marcato*.

O renomado compositor Osvaldo Lacerda (1927/2011) presidiu as seguintes entidades culturais: Sociedade Paulista de Arte, Sociedade Pró-Música Brasileira, Centro de Música Brasileira, de São Paulo - SP

Os versos do poeta Guilherme de Almeida (1890/1969), imortal da Academia Brasileira de Letras, contidos na música, fazem perguntas à mulher amada.

É completamente impossível responder aos versos do poeta, principalmente porque as perguntas são endereçadas à mulher amada, nem ele próprio e nem o compositor conseguiram. Aliás, é mister dos dois artistas manter a pergunta no ar.

No entanto, depois do fraseado musical que acabamos de comentar, cabe-nos a tarefa de analisar o texto sob o aspecto filosófico, ricamente estruturado em metáforas que invadem o campo sentimental e nos revela a interioridade da alma humana.

Há o encontro de um casal, à hora morta da noite. Ela o espera e abre a porta, corresponde ao sorriso que acabara de receber e a rosa é segura pelas suas mãos. Depois, acende a lâmpada e a lareira, estende a esteira; fecha a porta, tira os brincos, solta os cabelos e tira o cinto de couro.

A hora é de entrega. O leito estendido à espera dos jogos amorosos. Os olhos são fechados, a boca é aberta. Beijos de bom-bom, tão bom! Doces e aromatizados, perfume de mulher, essências aromáticas se misturam numa atmosfera criadora que somente os pássaros possuem.

Fantasias pré-concebidas se misturam com a improvisação de carinhos que nascem na movimentação dos corpos febris e ardentes. A alma dos amantes se descontrai em eflúvios como as cachoeiras derramando águas pelo rio abaixo. Névoa de sonhos se estende nos pensamentos contemplativos da beleza, como se fosse a

madrugada cinzenta correndo afugentada pela luz do alvorecer. A névoa é o corpo e a luz do alvorecer é a alma. O rio abaixo é a vida que se estende pelos caminhos infinitos. A água é a sabedoria do viver.

Quando a vontade dos amores e o destino não se completam, ocorre sempre o adeus, mesmo aquecido por horas febris no calor dos sentimentos. É muito comum, o encontro amoroso, em uma ou outras vezes, seguido de uma separação. Não há fracasso porque a voz do destino ecoa por último, e é sempre determinante, até mesmo contra a vontade de quem gostaria de permanecer junto a alguém.

O poeta Guilherme de Almeida, o artista do verso, enriquece o canto de Osvaldo Lacerda, no momento em que o encontro de casais passa a ser o centro de referência para formação de uma família e a união de casais que buscam uma troca de experiência no campo sentimental.

As últimas perguntas à mulher amada entram no campo subjetivo: “Por que ouviste o que eu não disse? Por que disseste o que não ouvi? Arriscamo-nos a dizer que ela percebeu mensagens, via pensamento ou gestos, que lhe diziam a verdade da alma. E nem precisava ele dizer o que para ela já estava decidido.

A mulher amada ficou de mãos dadas na despedida porque o último momento teria que ter o carinho feminino que permanecesse acima da saudade que ele, certamente, iria, mais tarde, sentir. O carinho que ela manifestou, no adeus, já não era sensual, apenas amigável, porque ela já estava apaziguada com os sonhos que ainda não apareceram, os sonhos do verdadeiro amor.

45

QUANDO OUVIRES O PÁSSARO

Escrita em junho de 1970, na capital paulista, a música Quando ouvires o pássaro, do compositor Osvaldo Lacerda, é destinada para canto e piano, e traz a letra do poeta Cassiano Ricardo (1895/1974), imortal da Academia Brasileira de Letras.

A letra da música é um bilhete à mulher amada. Ele está ausente e nessa ausência vê situações amorosas em que faz, em breve litania, uma negação. A primeira negativa do enredo quase anuncia o título da música.

A litania prossegue revelando outro intérprete do canto de amor ao ouvido da mulher amada: o vento da cerração, e na última negativa de revelações, o poeta coloca em questão um mensageiro de carta anônima.

A afirmativa chega ao final do poema. Ele não sente a clareza dos sentimentos dela, intimamente está no escuro, e chora. As lágrimas - gotas d'alma - caem em ambiente triste. O cenário, que desdobra o estado emocional do poeta, é o chão, escuro, triste, sob a goteira caindo sem parar.

O clima realmente não é favorável para encontros, pois ele sente a dureza do coração dela. No entanto, parece ter persistência no amor que sente, transformado em lágrimas, caindo em gotas incessantes. Mesmo assim, parece evocar a esperança que vem do adágio popular: “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”.

A insistência no amor é muito diferente de outras tentativas, porque é regulada por ações que dependem da forma de sentir a necessidade de prosseguir ou parar. Naturalmente, se houver esperança perceptível, vale a pena aguardar o tempo que for necessário. Se não houver esperança delineada em horizonte ainda não iluminado, então o negócio é arriscar: jogar tudo ao destino ou esquecer por completo.

Mesmo nesse jogo arriscado, ninguém pode prever as mudanças que podem ocorrer, facilitando aquilo que parecia impossível. O tempo desgasta tudo, até mesmo situações estáveis de hoje e, mais tarde, consideradas instáveis amanhã, dependendo das circunstâncias favoráveis e da força de quem as impulsiona.

O canto da música é revelado por letra que revela outros cantos na voz do pássaro em frente ao quarto da mulher amada, do vento frio que anuncia cerração e, ainda, do canto silencioso de uma carta anônima.

A presença do poeta, chorando sem parar pelo amor da mulher amada, é uma goteira caindo sobre um chão escuro. O poeta ama e crê em si mesmo, em seu coração extravasando sentimentos que podem encher rios de lágrimas. Como todo grande rio, haverá sempre um mar que o acolherá, como também um amor que o fará esquecer os desencantos. O que prevalece é o canto pela mulher amada.

46

CANTIGA DE VIÚVO

A Seresta nº 7 – Cantiga de Viúvo, de Villa-Lobos, para canto e piano, foi escrita nos idos de 1926, na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, em fevereiro de 1979, o compositor paulista Osvaldo Lacerda, o célebre autor da Suite Piratininga e de inúmeras músicas para canto, obras sacras, peças de orquestra e músicas de câmara, escreveu Cantiga de Viúvo, com a letra do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Refletindo o sonho, na praia do sono, a vida apresenta-nos estuante e bela, dentro dos arcanos que deslindam os enigmas do caminhar. O estado de vigília, numa alternância dormir e acordar, revela-nos diariamente os liames que estabelecemos em esferas subjetivas ou etéricas.

O poeta mineiro, ao escrever a letra da Cantiga de Viúvo, usou imagens ideoplásticas da alma humana mergulhadas nos liames que tecem o destino criado até mesmo antes que o homem abra os olhos. Eis, a seguir, o início do texto:

“A noite caiu na minh'alma,
Fiquei triste sem querer,
Uma sombra veio vindo,
Veio vindo, me abraçou.
Era a sombra de meu bem
que morreu há tanto tempo.”

Mesmo mencionando que “a noite caiu na minha alma”, o poeta não diz que teve um sonho; isto comprova que o estado de vivência da alma, que ele sente, independente da condição de sonhar no sono. Isto lhe permite entender a vida, na informação da fonte de origem, nem mesmo tem a necessidade de consultar os travesseiros.

No sentido inverso, o homem que ainda não se desprende dos instintos grosseiros que o fazem criar uma atmosfera pouco inteligente, não tem condições de perceber que o seu mundo íntimo tem as revelações necessárias à sua evolução como ser inteligente à busca de sua identificação com a harmonia do Universo.

A esposa do poeta, falecida, conforme menciona a letra da música, veio ao encontro dele. Ela o abraçou com tanto amor, o apertou com tanto fogo e o beijou. Isto comprova que a morte, como fim de tudo, não existe, e ainda nos dá a oportunidade de refletir na continuação dos amores que se immortalizam. Nas óperas *Navio Fantasma*, de Wagner e *Aída*, de Verdi, esta fé é demonstrada..

A canção diz que o poeta ficou triste sem querer. A tristeza que ele sentiu era ainda aquela saudade e aquele vazio em seu coração pela perda da mulher amada. Acostumado com este sentimento, alimentado por recordações do passado. Quando ela sorriu devagarinho, certamente a tristeza desapareceu.

Aquele sorriso da mulher amada é o canto sem palavras que penetrou na alma do poeta. Isto faz-nos pensar na importância do amor, quanto mais intenso mais vivido. A alegria são raios cintilantes que se espalham pelas estrelas e que são devolvidos pelos amores nas noites de esplendor.

No reencontro dos amores é desfeita a névoa densa que impedia a visão de um panorama encantador. A alegria confirma o sentido de amar, estende todas as virtudes que as religiões buscam passar aos fiéis e ainda enaltece a vida aos sonhos do Criador.

Confiante nos segredos da Criação, a jovem mulher que partiu há tanto tempo (a alma que ama não envelhece, nem morre) disse ao poeta um adeus com a cabeça, fechou a porta e saiu pela sacada, retornando aos jardins floridos da espiritualidade que o seu coração plantou.

47

TEU NOME

Escrita nos idos 1973 a música Teu Nome, de Osvaldo Lacerda, destinada para canto e piano, traz os versos da poetisa Cecília Meireles que repetem “respiro teu nome” em cinco estrofes.

Respirar é, antes de tudo, viver. Todos sabem que, nas pessoas e nas plantas, sem a respiração a vida não existe. Respirar o nome da pessoa amada é navegar mundos em que o sonho tem o reino de encantos.

Pensar na pessoa amada leva-nos a um doce eflúvio, despertando-nos sentimentos em que surge a voz da canção de que nos fala a poetisa. O sentimento de amor se espalha levemente, como uma brisa quase impercebível à luz do luar, aclarando aspectos emocionais de situações difíceis e de mistérios.

Não há um limite definitivo entre a realidade e a ilusão. Existe a margem que delinea um e outro, dentro de uma flexibilidade que muda constantemente na medida em que revelamos comportamentos diferentes. Os sonhos podem estar tanto na realidade como na ilusão e é impossível permanecer longo tempo na linha divisória porque nossos pensamentos, criando circunstâncias, têm um destino que se modifica. O destino somente é estável dentro da situação estável.

Quando não o conhecemos, pensamos que o nome da pessoa amada é tudo, porque o moldamos dentro de nosso sonho de amor, às vezes sem que ela participe. Entre o comprador e o vendedor, o produto só muda de lugar quando o negócio é fechado. Não há transação individual, unilateral e solitária, por que no amor funcionaria diferente? É impossível. Na busca do envolvimento amoroso, sem a participação de um dos pares, é impossível a união, mesmo sendo tudo para quem a deseja, não passa de uma ilusão.

Na incompreensão do que acontece no envolvimento, pensamos em sorte, quando os acontecimentos nos favorecem e azar quando são diferentes, sem sabermos que, na realidade em que vivemos, há um mecanismo que estabelece aquilo que, por algum mérito, merecemos ter.

No contentamento da poetisa, límpido e vão, dá a idéia de estar solitária, com seus pensamentos de amor. Em cada momento, ela respira o nome do homem amado e, como o sonho é alto e a sua mão é rasa, não atinge as alturas e vê que, ao redor, tudo é ilusão. É o extremo dos amantes: inferno ou paraíso.

Acreditamos que seja um amor platônico dormindo numa espera sem fim, onde em algum momento inesperado possa surgir o despertar para uma realidade mais confortadora, sem ilusão nem sonhos, talvez a presença da pessoa amada.

O nome da pessoa amada acompanha os passos de quem ama, independente de estar perto ou longe; são vibrações alimentadas por pensamentos que recrudesce o passado, mergulhado no inconsciente coletivo de que nos falou o filósofo Carl Jung, e que voltam à tona, à medida em que a mentalização (mais precisa do que a chamada telefônica), é realizada.

Concluimos realçando o quanto é importante a forma como direcionamos o pensamento, pois estabelece o nosso destino e, vamos sempre, aqui ou alhures, para onde a nossa vibração se estabelece, independentemente de estarmos vivos em corpos físicos ou vivos em transcendência da matéria física, em campos astrais ou campos siderais.

48

A FLOR DE AGUAPÉ

Escrito para o Canto Coral Feminino do Instituto de Música de São Paulo, a música A Flor do Aguapé, de Paulo Florence (1864/1945), é destinada para sopranos e contraltos e apresenta os seguintes movimentos: suave, vocalizando, mais vivo, diminuindo, vocalizando, *poco crescendo*, diminuendo. A letra foi composta por Dom Aquino Corrêa, imortal da Academia Brasileira de Letras.

Com letra de quem conheceu as paisagens íntimas da alma humana e, externamente, a do pantanal mato-grossense, região onde foi bispo da Igreja Católica, com grande elevação espiritual, a música descreve um roteiro em que o mundo está envolvido.

O sacerdote observa a beleza da flor de aguapé se abrindo em largas e verdes folhagens com a presença de beija-flor voejando e beijando-a ao redor. Há um clima de festa, a flor triste um pouco antes, com o beijo palpita e sorri.

Com a enchente, o cenário singelo muda de figura. Os rancos da enchente já anunciam a derrocada que vem surgindo. Surgem pedaços de terras flutuando descendo rio abaixo, num deles está descendo a flor de aguapé, murcha de mágoas.

Esta imagem descritiva tem grande ressonância em nossos dias quando vemos cenas de desencantos nos ambientes onde o vício arrasta à degradação moral contingentes de pessoas que, após a aparente alegria, são levados à solidão e à morte.

A beleza do corpo - a flor do aguapé - floresce em nossa vida para dar encanto a este mundo que um dia terá as blandícias do paraíso, esta é a certeza daqueles que vieram ao mundo somente para servir. Nem todas as flores são arrebatadas pelas enchentes dos rios, como nem todas as criaturas humanas têm o mesmo destino.

Os desencantos surgem para mostrar o desvio do caminho. A mágoa - raiz arrancada pelos estos bravios - é o desconforto do momento e vai recrudescer, lá adiante aonde a aurora vem surgindo límpida e clara, a lembrança dos dias felizes, os amores que nos ofereceram ternura, abraços e beijos.

Na segunda voz de A Flor de Aguapé há um canto transformado em beijos que Alberto Nepomuceno, na música As Uyáras, op. 15, decifra:

“... Às vezes se escuta na queixa do rio um canto macio de quem... não se vê. / O canto se estende mais doce que as moitas que dormem silentes às luzes do céu...”

Identificado o brilho das bolhas de sabão, ninguém o pega, ninguém o cultiva, ninguém o colherá! São beijos que as uyáras atiram ao sol, morrendo sempre na ilusão! A luz do arrebol é a imagem de fé que prevalece diante das paisagens onde vive a flor do aguapé. Os destroços, o caminhar para a morte estão agora à mercê do destino que não podemos saber.

Boiando pelo rio abaixo, os camalotes que carregam a flor de aguapé têm o destino da destruição, o mesmo daqueles que encobriram com camadas sombrias a luz divina que está ofuscada interiormente. As sábias palavras do saudoso bispo católico (duas vezes imortal) permanecem em nosso coração:

“Que Deus se amerceie da flor e das almas que vão para além e leve-as ao porto em que viçam as palmas do amor e do bem.”

49

O RIO

Amparada no movimento *lânguido*, compasso 2/4, a música O Rio, de Paulo Libânio, foi escrita em 20 de março de 1988, com a letra do poeta Vinícius de Moraes que revela, inicialmente, uma gota de chuva a mais penetrando um ventre grávido que fez estremecer a terra. O contexto geográfico é revelado por antigos sedimentos, rochas ignoradas, pedra preciosa e materiais fósseis. A letra revela ainda:

“Um fio cristalino, distante milênios, partiu fragilmente sequioso de espaço em busca da luz.”

A mensagem do poetinha, nome carinhoso como é conhecido entre os cariocas que o admiram tanto por ter colocado os versos da música Garota de Ipanema, de Tom Jobim, nos quatros cantos do mundo, traz um roteiro de uma vida no campo mineral, mas o sentido transcende a outros reinos da natureza.

Preliminarmente, observamos o nascer do rio, a partir de uma gota de chuva que cai numa porção de água e a faz transbordar a caminho de planícies que serão transformadas em searas férteis.

No percurso em direção ao mar, o rio passa por antigos sedimentos, rochas ignoradas que contém ouro, carvão, ferro, mármore. O reino mineral permanece petrificado nas rochas, mas se movimenta nas águas que já possuem um destino.

A evolução anímica nasce no reino mineral, mais precisamente na água, se expande no reino vegetal e ganha impulsos maiores no reino animal, sendo que no homem a consciência do mundo é mais evidente do que qualquer outro estágio evolutivo.

Assim como no subsolo da terra existem riquezas adormecidas: ouro, carvão, ferro, petróleo, mármore, água, etc., no ser humano há outros mananciais ou potencialidades que estão armazenadas em sua interioridade mais profunda, em forma latente, e prontas para serem manifestadas.

A indústria busca a matéria-prima para fabricar seus produtos, a sociedade também tem recursos de criar ambientes humanos onde as qualidades de vida, talentos pessoais podem ser manifestados livremente. Daí surgem escolas, hospitais, empresas, indústrias, comércio, turismo, lazer.

O progresso material já alcançou estágios evolutivos onde promovem o bem-estar humano, entregando à máquina o que antes era feito com as mãos. Na área da comunicação, as informações são prestadas e recebidas em profusão em todas as atividades humanas.

No caminhar do homem, assim como o do rio, surgem obstáculos que são vistos e até mesmo apreciados como sinal que aumenta a nossa atenção ao trabalho empreendido. O passo firme é o ritmo que anuncia a passagem daquilo que está parado, sem possibilidade de nos acompanhar.

A letra da música finaliza dentro de um contexto histórico, numa trajetória milenar: “um fio cristalino distante milênios partiu fragilmente sequioso de espaço em busca da luz.”

Quando vemos, pela televisão, a destruição de matas, conseqüentemente de inúmeras plantas medicinais ainda não catalogadas, bem como aves e animais que nelas vivem, pensamos que a natureza gastou milênios para formar esse santuário ecológico, com ecossistemas favoráveis à fauna e à flora.

O rio que nasce de fio cristalino, distante milênios, por ser a própria água, o primeiro elemento criado na terra, parte em busca de espaço até atingir o mar. Nos versos de Vinícius de Moraes, o fio cristalino, que vira rio, parte em busca da luz.

No ciclo da evaporação e do derrame de águas, em forma de chuva, podemos presenciar a água em forma de luz no fenômeno do arco-íris, onde as cores, que nele estão, refletem imagens ideoplásticas de beleza encantadora.

Assim como acontece no fio cristalino partindo, fragilmente sequioso, em busca da luz, no ser humano a mesma trajetória é percorrida, a nível de interioridade de alma, a nível de coração como dizem os poetas. O arco-íris é a aura de esplendor das águas, assim como a irradiação luminosa pertence àqueles que semearam a beleza.

50

A CARTA

Destinada para canto coral, a música A Carta, de Paulo Malaguti, inicia-se no movimento medianamente forte, suave, muito suave, crescendo, medianamente suave, suave e finaliza em pianíssimo. A letra tem os versos da poetisa Margarida Finkel.

Com a publicação do livro *Meu Amanhecer* (prefácio de Olegário Mariano), nos idos de 1946, a poetisa iniciou sua carreira literária. Mais tarde, em 1969, publicou *Entre gaivota e nuvem* (álbum de arte com xilogravuras de Moacir de Figueiredo). Depois, vieram a público *No Tear dos Ventos* (1980), *Ausências Claras* (1983), *Rede em mar de espelhos* (1988) e *Do incansável amor cantarei* (2000).

No seu livro de estreia, Margarida Finkel recebeu do imortal Ademar Tavares, membro da Academia Brasileira de Letras, o seguinte depoimento:

“Margarida Finkel - poetisa menina, doce cantora da lua, das árvores, das nuvens e do mar, cujos versos a gente lê e relê, com embevecimento. Essa menina viu abrir, no seu berço, a estrela da poesia.”

Entre os movimentos *pianíssimo* e *fortíssimo*, a voz do narrador entoa: “e na noite que vier... Ao ouvires um canto distante... Ainda será meu grito”. *Glissando, medianamente suave* dá início à retomada do canto coral: “será, será meu grito, será meu grito? e no pássaro voando este grito de força que arremesso / doendo e rompendo os ossos/ estremecendo o homem / triste e paralisado / dentro desta dor universal / do existir”.

Entre dois sinais da *fermata*, no compasso 3/4, o canto solo entoa: “Só. Será meu grito”. O canto coral finaliza: “que abras esta carta num parque lindo, estou só, só”.

Num clima romântico, a poetisa, sentindo-se a sós, recomenda ao destinatário abrir a carta num parque lindo. Há um grito que se revela na leitura e uma voz explodindo no rosto de quem a lê, acordando nele a necessidade de não se sentir estranho e alheio ao chamado de sua amada.

Como é importante não se sentir estranho num relacionamento a dois, onde o amor corre como a brisa espalhada nas relvas verdes de campo aberto plantado de árvore alta, ecoando a mesma vibração de amor contida na carta.

Crescendo, crescendo este amor, libertando-o da solidão, cresce o ribeiro manso e corre em direção do mar, num caminho em que se doa para formar nuvens de chuva, no ciclo das águas, parecendo que o ribeiro caminha pelo ar, acompanhado de um grito: úyê, ê ôyê, ê ôyê, ê, ô, ô, ô.

A ressonância do grito ecoará distante pela noite que vier, virando a madrugada, esse grito será mesmo de sua amada? Um pássaro levará o grito a lugares onde existem ninhos e liberdade de morar, estremecendo de admiração homens tristes que sentem vontade de libertar-se do sofrimento que cerceia a felicidade.

51

O PRANTO DO MAR

Com os versos do escritor Max Carphentier Luiz da Costa, membro da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil, a música O pranto do mar, de Pedro Amorim, inicia-se no movimento *andante con espressione*.

“Concha deixada na praia e no olhar,
lágrima herdada do pranto do mar.
Que o mar também chora, conosco ou por nós,
O mal que na hora calamos a nós.

O mar sabe tudo que temos no peito,
por isso seu leito tal qual a perda
beleza da vida é gélido e mudo.”

Citamos algumas referências elogiosas de consagrados autores nacionais sobre a obra literária de Max Carphentier:

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: “O Sermão da Selva tem a dignidade da poesia a serviço da vida. Assim essa voz poética seja ouvida, em coro com a dos cientistas e dos brasileiros de boa vontade, para que não se arruine a floresta Amazônica, esse bem da humanidade, que nos cumpre defender.” (*in* O Sermão da Selva, de Max Carphentier).

ANTÔNIO CARLOS VILLAÇA: - “Louve-se o poeta, o seu ritmo harmonioso, a sua densidade, o seu gosto da terra, a sua paixão pelo humano. Ele bem sabe, o grande poeta, que a natureza só será salva pelo coração, isto é, pelo amor. O mundo só poderá ser salvo pelo amor. (*in* Tiara do Verde Amor, de Max Carphentier).

Dom PAULO EVARISTO ARNS, cardeal: - “Dar uma palavra de apresentação ao livro de Max Carphentier Nosso Senhor das Águas é tarefa tranqüila, pois o escritor coloca o seu trabalho a serviço da vida, numa visão cristã da causa ecológica.” (*in* Nosso Senhor das Águas, de Max Carphentier).

PEDRO Augusto Santiago de AMORIM, natural do Amazonas, autor da música, participou, como ator, do filme de longa metragem A Selva. Além de O pranto do mar, escreveu Cantiga, Menina de Olhos Verdes, Rondel da Graviola, Cabocla do Tarumã, Encantamento e Iara. Diretor do Teatro Amazonas (1966/1987), na capital amazonense, o autor é membro do Clube da Madrugada de Manaus e da União Brasileira de Escritores.

A letra da música, que o poeta nos revela, traz o pranto do mar contido numa concha deixada na praia e ainda a afirmação: “o mar também chora, conosco ou por nós, o mal que na hora calamos a nós”.

As ondas da praia retiram de nós a sujeira do corpo e, até certo ponto, as impurezas da alma, propiciando-nos um aspecto agradável com energias revitalizantes. Daí o alívio e o bem-estar pela retirada das dores que sentimos, até mesmo emocionais que são carregadas para o leito do mar.

Para nos recompor intimamente, às vezes, precisamos estar perto da orla marítima e, sem notarmos, estamos transferindo ao meio-ambiente vibrações de pensamentos oscilantes. Nesse enlevo, participamos da mística da transmutação: o pranto do mar depositado numa concha, a guardar nossos segredos, nossas vidas, nossos amores, nossos sonhos que foram conduzidos a caminhos diferentes, sempre para nosso bem.

52

AS NEBLINAS

Com entusiasmo no movimento *allegretto pastorale*, a música *As Neblinas*, do compositor e maestro Souza Lima, destinada para canto e piano, foi escrita nos idos de 1947, e traz os versos do poeta Guilherme de Almeida, imortal da Academia Brasileira de Letras.

O tempo das estações estimula-nos a pensar o que está na natureza reflete-se dentro do homem. Inverno lembra-nos o frio, o gelo; o outono o desfolhar de árvores, o fim de uma etapa que irá mudar de fisionomia ou roupagem; o verão o calor, o entusiasmo de um empreendimento; a primavera o tempo ameno e agradável onde tudo parece rejuvenescer.

O poeta gosta das névoas cismadoras porque faz nascer nele visões consoladoras. Com a predisposição que tem no íntimo, ao olhar o tempo ao redor, faz criar um campo magnético vibratório propício a manifestação de eflúvios que se expande numa correlação de igualdade de forças. Pensamentos de amor atraem pensamentos de amor, não importa se estejam na esfera material ou espiritual.

As ideias cismadoras do que ocorrem lá em cima, onde as névoas seguem uma direção que os ventos encaminham, inspiraram a Guilherme de Almeida uma das mais belas imagens poéticas escritas na língua portuguesa:

“Quanta ideia despertam, quanta! Algumas vezes, eu penso que há qualquer altar erguido lá no céu, e que estas brumas são de incenso que a lua anda a queimar...”

Em seguida, o cenário desce como um véu pelas casas a roçar e a noite parece uma noiva casta e tímida que vai se casar, numa época em que o sentido do casamento estava mais ligado aos interesses da alma do que do corpo. Ambos são úteis e necessários numa divisão que deveria ser mais para o lado que tende a apresentar um sentido mais amplo do que seja o conceito de viver bem.

53

HINO DA ALFBB

O Hino da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil foi escrito, originalmente, em 21 de janeiro de 1996, com o título *Canção Ser Útil e Verdadeiro*, pela compositora paulistana, acadêmica Synture Eva Hahamovici. A primeira audição nacional do hino ocorreu na solenidade realizada em 30/5/1996, sob a presidência do escritor Fernando Pinheiro, no Auditório do Edifício SEDAN – Banco do Brasil – Rua Senador Dantas, 105/22º andar – Rio de Janeiro - RJ.

A música se desenvolve nos movimentos expressivo cantante, *legatto*, forte brioso, majestoso, airoso e expressivo, cantante, mui expressivo e vivaz, majestoso triunfante, plenissonante, grandiloquente e largo majestoso.

e expressivo, cantante, mui expressivo e vivaz, majestoso triunfante, plenissonante, grandiloqüente e largo majestoso.

A propósito, a autora fez os seguintes comentários:

“Esta canção, relativamente airosa e leve, em termos de estrutura sonora, oferece ao ouvinte uma mensagem de paz e bem-estar, com base na consciência espiritual desperta, a qual certamente conduz o ser humano à estruturação de sistemas sócio-vivenciais estribados nos elevados paradigmas morais, éticos e noéticos de uma existência voltada e devotada ao trabalho edificante.”

Considerando que a Academia promove o encontro de intelectuais que apresentam, em verso e prosa, a beleza revestida nos sentimentos que inspiram os mais belos ideais, o hino, como símbolo da instituição, emite elevada vibração que atinge a esfera da imortalidade onde a vida é eterna.

Os grandes compositores clássicos, mergulhados na atmosfera de elevada espiritualidade, escreveram músicas, tendo como alvo um reino maior, nesses passos caminha a Academia ao apresentar o seu hino. Em suma, o encontro dos amores, inspirados no amor sublime, não se restringe ao nosso círculo material e alcança a esferas resplandecentes onde colocamos o pensamento.

A letra da música traz uma mensagem de vida: “Ser útil e verdadeiro! Em Bênção e Luz! Esta é a meta maior do Ser!” A seguir, a pergunta que a letra apresenta tem um sentido que abrange todo o pensamento contido nas doutrinas sacras do Oriente e do Ocidente: “Qual o fator da natureza que não traga em si toda a beleza da Criação?”

Depois, há uma exortação que anima e revigora o nosso convívio: “Ó, Amigos desta caminhada, que unidos sempre continuemos! Que de mãos dadas, ó confrades, rumemos para a realização da cultura ascensionada!”

O final da música anuncia a legenda da Academia, explicitada no final do discurso do escritor Sebastião Geraldo Brollo, em solenidade de 19 de agosto de 1993, no Auditório Edifício SEDAN, prestigiado pela presença do presidente do Banco do Brasil, Alcir Calliari, que veio especialmente de Brasília para o evento.

“... voltemos o nosso pensamento para o alto escopo da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil, consagrando-nos, mutuamente, no cerne da mensagem que o dístico de seu brasão transmite, tirado das imortais páginas da Eneida, de Virgílio, o qual vem inspirar-nos neste instante, qual seja, *Mens Agitat Molem*, isto é, o Espírito agita a massa”.

Quis o destino que o hino da Academia tivesse uma vibração diferente das marchas marciais, apropriadas em suas devidas áreas, e sustentasse uma vibração suave, leve e airosa que páira nos planos sutis onde a consciência humana se expande em luz e bençãos, no mesmo diapasão que inspiraram os grandes Mestres da música.

54

A CASCAVEL

Escrita nos idos de 1917, na cidade do Rio de Janeiro, a música *A Cascavel*, destinada para canto e piano, de Villa-Lobos, é sustentada pelo movimento muito animado e alegre, apresentando a letra do poeta pernambucano Costa Rego Júnior (1887/1955), membro da Academia Pernambucana de Letras, que descreve a cascavel, uma chama lotada, dormindo enroscada parecendo um ninho furta-cores onde não existe passarinho. A música a faz despertar, acordando-lhe o carinho.

O poeta da canção finaliza o texto revelando a combinação dos gestos da cascavel com os aspectos musicais:

“Encanta-a a harmonia indolente, formando uma cadeia interrompida de ss (ésses), vai os guizos tinindo, elasticendo as veias e sacudindo no ar, desordenadamente, pizzicatos, rondós, semínimas, colcheias...”

As estrelas, os vulcões, os ventos, os rios, os minerais, os vegetais, a terra, a alma humana, os seres angelicais, os animais possuem, no íntimo, a chama lotada. Aí está a imortalidade que se reveste de muitas formas e se transmuda, no decorrer de milênios, em conteúdos e inúmeras formas

Enroscada sobre si mesma, a cascavel dorme sono letárgico, tomando o aspecto de um ninho furta-cor onde a morte tem morada certa. O veneno palpita em ambiente que ameaça e mata. Os passarinhos inocentes, amparados pelo instinto de conservação, sentem o perigo e não se aproximam.

A presença de animal réptil é sempre ameaçadora. Vem desde os tempos bíblicos, a história da serpente espalhando desolação e terror numa situação que gerou a expulsão do paraíso de dois amantes que, segundo a tradição religiosa, deram início a prole humana, a raça adâmica, a única que existe, desde eóns de anos, no planeta Terra.

Dentro da conversibilidade desencanto em encanto, a música surge como a moeda que adota o sistema de troca da morte para a vida. Não apenas o som, mas também e principalmente a vibração que revela a chama eterna que palpita dentro dos sentidos, vindo de regiões onde o mistério reina. Todos os seres da criação estão imantados nessa energia. Temos algo em comum com tudo que existe.

A cascavel não é boa nem ruim, é simplesmente cascavel. O instinto de preservação da vida, que ela tem, existe também no reino humano. Elevar esse nível a um nível de consciência mais profundo é que torna o homem diferente das serpentes.

O despertar da consciência ou do saber-existir pode ocorrer dentro do reino animal onde a serpente tem o seu *habitat*. A música penetra nos sentidos da cascavel e a induz a entrar em harmonia com o que ouve e sente, manifestando-se participantes da criação divina.

Dentro dessa vibração, ela fica encantada e dança no ritmo que sente os sonhos de ser gente igual a nós, assim como nós, em momentos de inefável beleza, sonhamos em ser anjos do paraíso de que nos revelaram os poetas e os compositores clássicos em suas poesias e músicas eternas.

Nesse enlevo de magia, a serpente movimenta-se, numa coreografia que estende no ar a forma de ss, vibrando de lá pra cá e de cá pra lá. Quem sabe não foi ela a primeira criatura a dançar a dança do ventre?

55

CANÇÃO DO AMOR

Destinada para canto e piano, a Canção do Amor, apresenta os seguintes movimentos: quase *allegro*, lento, *più mosso* e *molto lento*, peça integrante da suíte Floresta do Amazonas, de Villa-Lobos.

A letra da música foi redigida pela poetisa e diplomata Dora Vasconcelos (1910/1953) que inicia nos seguintes versos:

“Sonhar na tarde azul de teu amor ausente.

Suportar a dor cruel com esta mágoa crescente.

O tempo em mim agrava o meu tormento, amor!

Sonhar na tarde azul é manter uma atmosfera azulada que veio dentro do horizonte nos primeiros clarões do dia. É sentir a manhã radiosa, quando já começava a raiar o amanhecer.

Nessa atmosfera suave e amena, o amor ausente é envolvido pelo sentimento que sentimos vir da natureza. Presença/ausência são situações que se modificam conforme as maneiras como as encaramos.

O longe pode estar perto e o perto pode estar longe. A presença ou a solidão é questão do sentir e compreender uma realidade mais profunda, independente da distância.

A emoção recrudescer na distância: sentir saudades e deixar-se levar pelo desconhecido para agravar a dor. Diminuindo a certeza do amor pleno, aumenta cada vez mais a ausência que é mais física do que espiritual.

O tempo, recurso valioso que guarda as horas, agrava o tormento de uma ausência amorosa, como também ajuda-nos a esquecer momentos que se desgastaram nos desencantos.

A letra da canção diz textualmente: “Tão bom é saber calar e deixar-se vencer pela realidade”. A realidade a que estamos nos referindo, desde o início, é a natureza que nos envolve, a começar dos primeiros raios do sol, pois dela somos participantes ou, mais precisamente, somos integrantes no reino que nos cabe por direito natural.

Observemos a gota d'água caída da chuva, sozinha no espaço tremula oscilante sem parar, ao se encontrar com o oceano, perde a individualidade própria e passa a ser

parte integrante de uma massa gigantesca que atinge a linha do horizonte.

O pensamento longe da pessoa amada, aumenta o amor que sentimos, talvez mais intenso do que quando estávamos tão perto, tão perto fisicamente. É muito bom viver o amor, presente ou ausente, alimentar o amor numa distância que pode trazer saudades.

Recordar momentos de enlevo, sentir o ardor dos beijos e até mesmo viver triste a soluçar, ficar a sós apaixonadamente, faz muito bem à alma, embora não possamos compreender o desconforto do momento. No reencontro, a chama estará mais flamejante e bela.

56

INVOCAÇÃO EM DEFESA DA PÁTRIA

Escrita nos idos de 1943, na cidade do Rio de Janeiro, *Invocação em Defesa da Pátria* (canto-cívico religioso), de Heitor Villa-Lobos, apresenta os seguintes movimentos: *Poco andante, rallentando* (gradualmente mais lento), a tempo, *largo con surdina, rallentando*, a tempo, *via surdina, ritenuto*.

De autoria do poeta Manuel Bandeira, a letra do canto-cívico religioso inicia-se com os seguintes versos:

“Ah! Ó natureza do meu Brasil! Mãe altiva de uma raça livre, tua existência, tua grandeza, tua existência, tua grandeza.”

Apresentado pela primeira vez (não a estreia da música), em 20/11/1995, pelo Coral dos Funcionários do Banco do Brasil, tendo como solista a soprano Marivi Santiago, sob a regência do maestro Alfredo Duarte, no Auditório do Edifício SEDAN – Banco do Brasil – Rua Senador Dantas, 105 - 21º andar, Rio de Janeiro-RJ, ao ensejo da abertura do 1º Seminário Banco do Brasil e da Integração Social, *Invocação em Defesa da Pátria*, de Villa-LOBOS, é o hino oficial da abertura do referido seminário. .

Nos idos posteriores, o evento tem prosseguido, sob a coordenação da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil, em ciclo de palestras acerca das atividades do Banco do Brasil, tanto com relação à memória institucional, homenageando a vida e a obra de seus presidentes, diretores e funcionários que se projetaram no cenário nacional, quanto promovendo a imagem atual do Banco.

A letra do canto-cívico religioso é um cântico de louvor e de prece à natureza que abrange o território nacional, mãe altiva de uma raça livre, enaltecendo-lhe a grandeza e a existência. Assim como o compositor italiano Giuseppe Verdi, no *Coro dos Escravos*, da ópera *Aída*, faz-nos lembrar o sentido da liberdade, Villa-Lobos evoca Canaã, a terra da promessa, dentro do Brasil, o paraíso para os que aqui vivem: brasileiros e estrangeiros.

A evocação é primorosa: clarins da aurora surgem dentro de um cântico vibrante de glória ao Brasil, com a apresentação de solista que o entoia num *largo con surdina* (andamento muito vagaroso), seguido pelos movimentos *rallentando*, a tempo, via *surdina*, *ritenuto*.

O canto evoca principalmente a proteção do Divino, do Onipotente, a fim de que a nossa terra viva em paz alegremente e a livre do horror da guerra, ameaçada nos idos de 1943, época da composição da música. A súplica de proteção se estende pelas campinas, céus e mares do território nacional tão amados por seus filhos. O tema é atual diante dos conflitos bélicos, encadeando novas posturas mundiais, principalmente na segurança dos Estados.

A música pede ainda a nossa terra prosperidade e fartura. Ah! Se todos os brasileiros se empenhassem nesse afã, a iniciativa privada e a iniciativa pública irmanadas em prol do desenvolvimento sócio-econômico! Ainda há muitos focos populacionais de pobreza e miséria que necessitam ser eliminados.

O fluxo do dinheiro para as áreas carentes seria uma medida eficaz para solução de tantas distorções econômicas. Mas o que vemos é o dinheiro fluir para onde já existe em abundância. Riqueza acumulando riqueza e pobreza acumulando pobreza. Como sugestão oportuna, a letra do canto-cívico traz a mensagem fraterna que deveria englobar todas as classes sociais no Brasil e no mundo inteiro: “Irmãos sempre unidos, sempre amigos”.

57

MELODIA SENTIMENTAL

A Melodia Sentimental, escrita para canto e piano, nos movimentos *poco moderato* e com final *allegro vivace*, integra a suíte Floresta do Amazonas, de Villa-Lobos, obteve inúmeras gravações, no Brasil e no exterior, e se destaca, em primeiro plano, a voz da soprano lírico Bidu Sayão, nome tradicional na história do canto no Brasil. Nos idos de 1996, a cantora popular Zizi Possi também gravou esta melodia em CD.

Derramando imagens intensamente românticas, a letra desta melodia, com assinatura da poetisa Dora Vasconcelos, acompanha o lirismo que a música transmite, tão bela como a Melodia Sentimental, de Tchaikovsky. Os primeiros versos evocam a luz da lua:

“Acorda, vem ver a lua que dorme na noite escura que fulge tão bela e branca, derramando doçura. Clara chama silente ardendo o meu sonhar.”

A lua dos fulgores é a luz dos amores, nela um mundo refulgente estende sonhos aos amantes que buscam inspiração para transmitir a mesma luz que dela se derrama. Por isso, a lua é meiga e tem a cor d'alma de mulher. A Igreja Católica colocou a imagem da lua debaixo dos pés da Virgem para mostrar, a nosso ver, a relação de meiguice existente entre ambas.

Toda a poesia da Melodia Sentimental é um convite e, se tivéssemos um milhão de dólares, fariamos à mulher amada uma proposta para ver a lua. Parece fora de propósito a nossa colocação, mas o que se nos afigura bizarro e esquisito é a ignorância da beleza que emana da vida.

Todo um clima de amor que o luar inspira vale tantas riquezas que a nossa proposta seria inferior ao que pudéssemos receber de volta. Quanto custa a felicidade, um momento de paz profundo, um olhar que os anjos inspiram, a ternura da mulher amada que descobriu o amor dentro de nosso coração?

É claro que a aquisição dos bens transitórios e a dos valores eternos são diferentes, mas uma não prescinde da outra, assim como a alma não abandona o corpo, enquanto trilhar a trajetória terrena. Pode até fazer viagens astrais, no decorrer do sono, mas deixa um pequeno percentual, mais ou menos 15%, para movimentar as funções orgânicas.

A letra da música descreve a lua que fulge tão bela e branca, no céu, derramando doçura, e nessa chama faz arder o sonhar de quem ama. A mulher amada dorme, e quem sabe, o ser mais profundo, que nela habita, não está mais perto da lua!

No enlevo dos amores, ele desabafa: “quisera saber-te minha, na hora serena e calma; a sombra confia ao vento o limite da espera”. A sombra simboliza o desconhecimento, mesmo assim impulsionada pela inspiração que o luar transmite, confia nas mudanças, simbolizadas pelo vento, para acabar com o tempo de espera.

O coração palpita entre os amores, ele prossegue o canto: “quando dentro da noite, reclamo o teu amor”. E, ainda, suplica pela última vez: “acorda, vem olhar a lua que brilha na noite escura, querida és linda e meiga, sentir meu amor e sonhar. Ah!”

Há uma súplica dentro da noite, e essa súplica será maior se ele também estiver dormindo. É a alma que sonha e pode revelar os segredos mais íntimos que as circunstâncias passageiras abafam. Nesse reino da luz, onde a lua surge como testemunha dos amores possíveis e dos amores impossíveis, colocamos a nossa vida, a nossa alma.

A luz é um convite ao amor, precisamos conhecer o caminho, os encantos que os segredos femininos nos revelam à medida que nos colocamos mais próximo, tanto da mulher como da lua, fulgurante e bela. Amar o sonho hoje é amar o desejo que se realiza amanhã, tão próximo, tão próximo que pode ser um instante depois.

58

SAMBA CLÁSSICO

Escrito para canto e orquestra, nos idos de 1950, na cidade do Rio de Janeiro, o Samba Clássico, de Villa-Lobos, tem os seguintes movimentos: *poco animato*, *allargando*, *più mosso*, crescendo sempre, *allargando*.

Com um bis no primeiro e no terceiro parágrafos, a letra da música é de autoria de Carlos Paula Barros (1894/1955), poeta, biógrafo, teatrólogo, membro da Academia Paraense de Letras, que diz:

“Nossa vida vive, nossa alma vibra, nosso amor palpita na canção do samba. É a saudade intensa de uma vida inteira, é a lembrança imensa que jamais esquece...”

Com a presença do turista estrangeiro que prestigia o carnaval nas principais capitais brasileiras, e a de jornalistas e repórteres nacionais e estrangeiros que o divulgam, o samba ficou sendo conhecido no exterior. Expressão musical derivada de ritmos africanos, como o lundu, é uma referência da cultura nacional e teve manifestação inicial nas classes pobres da sociedade, e afirmou-se como gênero musical urbano, a partir do início do século XX. Com a chegada da era do rádio, nos idos de 1922, atingiu a classe média do Rio de Janeiro.

Ao longo de sua história, surgiram no samba variações que alteraram a estrutura do compasso binário e o ritmo sincopado. Daí, nasceram o samba-enredo, o samba-choro, o partido alto (conhecido depois como pagode, oriundo do samba-de-roda), o samba-canção e a bossa nova. E, a partir de 1990, o *funk* e o *reggae*, com influência musical da Jamaica, incorporaram-se à música brasileira.

A bossa-nova foi introduzida e apreciada nos Estados Unidos, graças à mistura da batida do *jazz*, o tipo *jazz soul*, mais romântico, mais leve e um pouco dançante. Eis o segredo do sucesso de Tom Jobim (nome do Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, antigo Aeroporto do Galeão) e a sua linda Garota de Ipanema (letra de Vinícius de Moraes) que encantou o mundo e fez surgir toda uma geração de compositores de uma época que passou.

Igualmente no ritmo de bossa nova, a música Almost in Love (Moonlight in Rio), composta por Luiz Bonfá, teve a interpretação magistral de Elvis Presley, disponibilizado na Internet – Youtube.

De um modo geral, as composições musicais, expressando os versos de poetas e trovadores, derramam sentimentos que vibram em nossa alma, palpitando o amor no coração e revelando uma vida inteira debruçada sobre saudades e lembranças jamais esquecidas.

A letra do Samba Clássico finaliza numa mensagem dos que aqui habitam felizes não elegendo raça nem preferindo crença. A preferência do brasileiro por time de futebol é bastante notória, hoje em dia, até mesmo como forma de comunicação.

A corrente de multidão de pessoas, que vibra pela conquista dos campeonatos mundiais nos esportes, que o Brasil vem alcançando desde 1958, quando se iniciou a era Pelé, nome dado ao mais importante atleta do século XX, tem o mesmo ímpeto que faz vibrar o final da canção de Villa-Lobos, escrita 8 anos antes: “Minha gente! Minha terra! Meus País! Minha Pátria! Para a frente, a subir! A subir!”

Sem ter a mesma divulgação popular, o Brasil vem alcançando primazia internacional na área cultural com a apresentação de excelentes pianistas e regentes que se consagraram nas mais importantes orquestras, em récitas nas salas de concerto e nos grandes teatros da Europa e dos Estados Unidos.

59

VELEIRO

Iniciando com sons articulados em “an”, “an” e seguidos de 23 sons da nota musical “lá”, a canção *Veleiro*, integrante da suíte *Floresta do Amazonas*, de Villa-Lobos, escrita nos idos de 1958, na cidade do Rio de Janeiro, traz os seguintes movimentos: lento, medianamente forte, glissando suave, *rallentando*, a tempo, suave e pianíssimo.

A letra da música é de autoria da poetisa Dora Vasconcelos. Com o desfile de sons em vocalize “an”, “an”, inicia-se o canto.

A floresta amazônica, que se estende além das fronteiras brasileiras, alcança as praias de rios e as praias do mar onde existem veleiros que navegam inspirando poesia e canções.

Na canção *Veleiro* o tempo é marcado pelas velas no mar que passam deixando a tarde azul de anil. Rodeado de ondas do mar, a poetisa vê as ondas no vai-e-vem sem a levar e uma tristeza cai dentro dela.

A frustração gera agressão, assim como a mágoa um doce murmúrio de um triste amor. Saber perder é conquistar um lado que precisa ser demonstrado como sinal de aceitação da vida que não se restringe apenas à esfera de nossa alçada.

Mesmo estando triste, a mulher recorda o passado e sente um alívio, uma suavidade que a paz inspira e desabafa, em murmúrio: “.. sempre eu fiz muita atenção em não pisar teu coração”.

No relacionamento entre casais, situações diversas acontecem, há encontros e desencontros, encantos e desencantos, em que se misturam sentimentos que revelam a natureza intrínseca de cada um dos parceiros. Uns estão mais perto da realidade única que nos envolve, outros mais atentos à sua própria realidade que precisa ter um sentido mais amplo de convívio.

Nesse contexto é que a renúncia e o desprendimento têm aceitação total. Compreender as situações vividas por nossos amores em dificuldades em aceitar uma realidade contrária aos seus desejos pessoais, faz-nos sentir satisfeitos e inclinados a ajudá-los, caso, um dia na vida, venham a nos recorrer a atenção.

A mulher na canção vai-se aos poucos mudando de atitude. O que está parado cede ao que está em movimento. As ondas do mar, no vai-e-vem, inspiram a mudança de comportamento percebido em seus cismares de tristeza que se diluem como ondas do mar.

Como lua crescente, a animação cresce e se espalha no horizonte, há um canto de alegria nos últimos versos da canção:

“Ah! longe no céu vai a onda jogar tudo que é meu dentro do mar, vem me esperar, ah! lua, lua branquinha, lua crescente me espera. Ah! Ah! Ah!, Ah! Ah! Ah!”

60

MINHA TERRA

Letra e música do compositor paraense Waldemar Henrique (1905/1995), membro da Academia Brasileira de Música, a canção Minha Terra, falando por todos nós, ressalta a beleza bucólica do Brasil que, nos momentos de meditação, tanto nos inspira.

O compositor paraense que participou da vida cultural do Rio de Janeiro, como professor e pianista, divulgando a aura amazônica contida em suas músicas, retratou a nossa terra:

“Este Brasil tão grande amado / é meu país idolatrado /
terra do amor e promessa / toda verde, toda nossa / de
carinho e coração.”

O Brasil, que inspirou Villa-Lobos a criar a nossa identidade musical, em sons que lembram o canto do uirapuru, do índio, dos choros e canções que revelam a alma brasileira, encontrou no compositor Waldemar Henrique o mensageiro da região amazônica e toda uma tessitura musical própria dele mesmo que se ouve das músicas para piano.

Na Internet – Youtube está disponibilizado as seguintes músicas de Waldemar Henrique:

Compositor	Música	Intérprete
Waldemar Henrique	Nayá	Isabela de Figueiredo
Waldemar Henrique	Chorinho	Renê
Waldemar Henrique	Meu último luar	Dalva de Oliveira
Waldemar Henrique	Valsinha do Marajó	Renê
Waldemar Henrique	O uirapurú	Any Lima

Minha terra, composição do autor paraense, recrudescer o sentimento de amor à terra natal, não apenas ao país, mas à cidade e ao estado de origem. Há pouco tempo, era bem divulgado esse sentimento entre os cultores dos valores humanos, conterrâneos que residiam em cidades diferentes onde tiveram o berço.

Havia um cuidado, um zelo pela tradição, pela divulgação do nome dos poetas, artistas, compositores que formam a galeria dos grandes nomes nacionais. Às vezes, isto servia de referencial para iniciar uma conversa ou um relacionamento na vida social. Os costumes, danças, cantigas e comidas típicas de uma região ressaltam a importância dos filhos nascidos naquelas plagas.

Como o Brasil é imensamente rico na formação social, amplamente divulgado pelo sociólogo Gilberto Freire, em Casa Grande & Senzala, temos uma variedade de hábitos e

costumes que engrandecem o cenário nacional. Na unidade da língua portuguesa, uma diversidade de sotaques que distinguem as regiões: norte, nordeste, sul e o centro-oeste do País.

O amor à pátria é-nos ensinado desde os tempos de colégio e prossegue durante toda a vida no exemplo daqueles que vieram ao mundo somente para servir. As entidades filantrópicas e de caridade estimulam-nos a sentir como é importante o trabalho em benefício de todos que compõem a nossa comunidade, o nosso raio de ação que se estende por fronteiras diversas.

Há sempre um clima de satisfação no reencontro de conterrâneos que se identificam até como parentes, ou amigos de parentes que ficaram em terras distantes. A admiração é ainda maior quando a identificação de traços em comum, na profissão, no *hobby* ou lazer esportivo.

A nossa terra cantada no luar de palmeiras que o sertanejo aprecia, divulgado pela música de Waldemar Henrique, enlaça-nos numa grande família, falando o mesmo idioma, orando ao mesmo Deus dos nossos pais que nos legaram a fé, onde se firma todo o nosso futuro promissor.

Oh! meu Brasil, rico de maravilhas mil, estamos velando a tua grandeza, na memória que se derrama em doce encantamento que a tua beleza inspira, paisagem de sol e de mar, de rios e de cascatas, de montanhas e de cerrados, terra abençoada por Deus.

61

PEIXADA NA PRAIA

Quando se aposentou do Banco do Brasil, sob a presidência de Nestor Jost, nos idos de 1972, o funcionário Wilson Dias da Fonseca escreveu, no movimento *moderato* (compasso 2/4), a música Peixada na Praia destinada para canto e piano. Dez anos depois, em cerimônia presidida pelo governador do Estado do Pará, Cel. Alacid Nunes, no Teatro da Paz, em Belém, o compositor tomou posse na Academia Paraense de Música.

A letra da canção é de autoria de Emir Bemerguy, paraense do Tapajós, que inicia formulando um convite para comer tucunaré na praia, em noite de luar, e ao mesmo tempo dá uma ordem: “arruma lenha, faz o fogo e abana”.

No programa, o compositor Wilson Fonseca expõe um roteiro em que consiste da reunião de amigos à beira do rio, quando o sol está frio a caminho do poente. Há pescadores à procura de tacunaré, curimatã, surubim, tambaqui, pescadas. Estão equipados com azagaias, tarrafas malhadeiras, ou linhas de anzóis.

Conforme consta ainda do programa, a pescada na praia, ou mais precisamente, a piracaia para os nativos da Amazônia, é realizada com bastante entusiasmo: uns cuidam do peixe, outros do moquém (o braseiro incrustado no fundo da areia). Quando assado o peixe, o jantar está servido. Punhados de farinha na mão, atirados à boca entreaberta, completam a refeição.

Vale destacar que o Dr. Vicente José Malheiros da Fonseca, Desembargador Federal do Trabalho do TRT - 8ª Região - Belém - PA, em carta de 22/3/2007, endereçada ao escritor Fernando Pinheiro, apresentou importantes referências biográficas de Wilson Fonseca, igualmente transcritas nas pp. 1069, 1070 e 1071, da obra História do Banco do Brasil, de Fernando Pinheiro, a seguir:

“Wilson Fonseca nasceu em Santarém-PA (17/12/1912) e faleceu em Belém-PA (24/03/2002). Escritor, poeta, pianista, compositor e professor, escreveu o livro “Meu Baú Mocarongo”, autêntica enciclopédia sobre a história da “Pérola do Tapajós”. Foi herdeiro de uma tradição musical que começou com o seu pai, José Agostinho da Fonseca (1886/1945), e chegou à geração atual.

Foi membro da Academia Paraense de Música (Cadeira nº 24) e da Academia Paraense de Letras (Cadeira nº 7).

Sua extensa e eclética obra musical, do popular ao erudito, está reunida em 20 volumes (4 apenas publicados), com mais de 1.600 produções: canto, piano, banda,

conjuntos de câmara, sacras e orquestrais, além de arranjos e transcrições. Merecem destaque a Abertura Sinfônica “Centenário de Santarém” (1948), “América 500 anos” (poema sinfônico, 1992), “Amazônia” (suíte para *jazz-band*, 1996), a ópera amazônica “Vitória-Régia, O Amor Cabano” (1996, com libreto de seu filho José Wilson), “Tapajós Azul” (valsas, para orquestra sinfônica, 1997) e “As Pastorinhas” (peça de teatro popular, restaurada em 1997).

Músicas suas figuram em discos: CDs “Projeto Uirapuru – O Canto da Amazônia” – vol. 1 (Secult/PA), “A Música e o Pará” (Duo Pianístico da UFPa); “Projeto Pará Instrumental” – vol. 3 (Amazônia *Jazz Band*); “Encontro com Maestro Isoca (2ª Bienal Internacional de Música de Belém, PMB, 2002); “Sinfonia Amazônica” (vol. 1 e 2), gravados pela Orquestra Jovem “Wilson Fonseca”, sob a regência de seu filho José Agostinho da Fonseca Neto.

A Lei nº 11.338, de 03/03/2006 (DOU 04/08/2008), denomina o Aeroporto de Santarém como “Aeroporto Maestro Wilson Fonseca”, em homenagem ao compositor santareno. Sob os auspícios da Infraero (Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária), foi inaugurado o busto de Wilson Fonseca, obra do escultor retratista Henrique Hülse, residente no Rio de Janeiro.

Foi lançada, na Casa da Cultura de Santarém, a coletânea “Meu Baú Mocarongo” (6 volumes), de autoria de Wilson Fonseca, com prefácio de seu filho Vicente José Malheiros da Fonseca, impressa por RR Donnelley Moore (SP) e editada pelo Governo do Estado do Pará (Secretaria Especial de Promoção Social, Secretaria Executiva de Cultura e Secretaria Executiva de Educação), parte integrante do Projeto Nossos Autores, coordenado pelo Sistema Estadual de Biblioteca Escolares (SIEBE).

Na ocasião, foi executada, em primeira audição, a composição “América 500 anos”, poema sinfônico de Wilson Fonseca, pela Orquestra Sinfônica do Theatro da Paz, sob a regência do Maestro Mateus Araújo, na Casa da Cultura, em Santarém-PA, onde foi realizado um concerto inédito da referida orquestra, com a apresentação de composições de três gerações da família Fonseca.

A orquestra, que primeira vez se apresentava naquela cidade, no Projeto “A Orquestra nos Municípios”, executou, em primeira audição, o arranjo escrito por Vicente Fonseca, filho de Wilson Fonseca, para a música “Idílio do Infinito” (1906), composta por José Agostinho da Fonseca (1886/1945) – genitor do Maestro Isoca – em comemoração ao centenário desta composição pioneira da chamada música santarena”, executou o 4º movimento (Oração – “Ave Maria”) da “Sinfonia do Tapajós”, de autoria de Vicente Fonseca, igualmente inédito; e ainda, interpretou o arranjo orquestral, escrito também por Vicente Fonseca, para a música “Canção de Minha Saudade” (1948), composta por Wilson Fonseca, com letra de Wilmar Fonseca (1915/1984), em número extraprograma, repetido por duas vezes, a pedido da plateia, que cantou, com entusiasmo, esta bela canção, considerada o “hino sentimental” de Santarém-PA, numa verdadeira apoteose no encerramento do histórico evento.” (251)

(251) VICENTE JOSÉ MALHEIROS DA FONSECA, Desembargador Federal do Trabalho – TRT – 8ª Região – Belém-PA – Ofício nº TRT/GAB/VJMF/Nº 012/2007, de 22/03/2007, com referências biográficas de Wilson Fonseca, pai de Vicente José Malheiros da Fonseca, endereçado ao escritor Fernando Pinheiro.